

**UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO E DA REGIÃO DO
PANTANAL - UNIDERP**

MIREILLY MARQUES RESENDE

**DESCRIÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS DOS TERENA ASSENTADOS NO
BAIRRO JARDIM NOROESTE EM CAMPO GRANDE/MS.**

CAMPO GRANDE – MS

2005

MIREILLY MARQUES RESENDE

**DESCRIÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS DOS TERENA ASSENTADOS NO
BAIRRO JARDIM NOROESTE EM CAMPO GRANDE/MS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em nível de Mestrado Acadêmico em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional.

Orientação:

Profa. Dra. Albana Xavier Nogueira

Prof. Dr. Sílvio Favero

Prof. Dr. Ademir Kleber Morbeck de Oliveira

CAMPO GRANDE – MS

2005

FOLHA DE APROVAÇÃO

Candidata: **Mireilly Marques Resende**

Dissertação defendida e aprovada em 25 de agosto de 2005 pela Banca Examinadora:

Profa. Doutora **Albana Xavier Nogueira (orientadora)**

Profa. Doutora **Adir Casaro Nascimento (UCDB)**

Prof. Doutor **Eron Brum (UNIDERP)**

Prof. Doutor **Silvio Favero**
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional

Profa. Doutora **Lúcia Salsa Corrêa**
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UNIDERP

A DEUS por ter me proporcionado tantas provações!

*Ao meu filho FRANKLIN DOMINGOS por ser minha esperança, alegria e força para
continuar a viver!*

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Albana Xavier Nogueira, que me acolheu, estimulou e me fez ver a importância do estudo intercultural.

À UNIDERP, pelo apoio financeiro, que proporcionou a minha formação.

À FUNAI, pela confiança e colaboração.

Ao Senhor Vânio Lara, índio Terena e Líder da comunidade do Jardim Noroeste.

À Comunidade indígena *TUMUNE XÉ É XAXAPA TERENOÉ* do bairro Jardim Noroeste.

A minha mãe BIRA...por me amparar e compreender minhas dificuldades, ficando sempre ao meu lado.

Ao Prof. Dr. Sílvio Fávero, pela compreensão e orientação.

Ao Prof. Dr. Sílvio Jacks que sempre alegre e disposto me recebeu no Laboratório de Geoprocessamento.

Ao Comitê de orientação, durante o curso.

Meu reconhecimento a minha família pelo grande apoio e carinho dados a mim e ao meu filho.

Aos meus amigos do mestrado, pela troca de saberes, carinho e amizade.

A todos que direta e indiretamente me ampararam e me dirigiram palavras de conforto, nos momentos mais difíceis e duros de minha jornada.

Ainapo yakoe!

Muito obrigado!

“Índia velha”

*se lembra
dos pés pisando no mato
olha a cor de teus sapatos
pisando asfalto e areia.*

Índia velha

*Se lembra
Tantos brancos que chegaram
Tantos
Que até perdestes as contas
E as contas de teus colares*

*Hoje andas tonta nos bares
E é tão grande a dor que sente
O amor de tua gente
Foi junto ao rio
Foi junto ao rio
Por onde os brancos chegaram
Se lembra?*

Emanoel Marinho

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1 INTRODUÇÃO	1
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 OS TERENA EM MATO GROSSO DO SUL.....	10
2.1.1 Origem e Organização	10
2.2 CONTATO COM OS BRANCOS: PRIMEIROS CONFLITOS	13
2.2.1 Os Bandeirantes e as Missões	13
2.3 ALDEAMENTOS E RESERVAS	15
2.4 PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DOS TERENA	20
3 MATERIAL E MÉTODOS	23
3.1 AMOSTRA	24
3.2 COLETA DE DADOS	25
3.3 LOCALIDADE.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
APÊNDICE	50
ANEXO 1	56
ANEXO 2	57

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Entrevista com moradoras em suas casas no assentamento no bairro Jardim Noroeste, Campo Grande-MS	25
Figura 2. Vista aérea do loteamento bairro Jardim Noroeste – Fonte Laboratório Geoprocessamento – UNIDERP	26
Figura 3. Primeira reunião geral no assentamento do Bairro Jardim Noroeste, out.2004. (Por Danielli Fernandes Afonso)	29
Figura 4. Segunda reunião geral no assentamento do Bairro jardim Noroeste, abr. 2005 (Por Aline Leguizamón)	30
Figura 5. Casebre erguido a base de pedaços de madeira e plástico	31
Figura 6. Energia no bairro cedida pela ENERSUL e as gambiarras feita pelos moradores	32
Figura 7. Obras do arruamento no bairro Jardim Noroeste	33
Figura 8. Moradora do assentamento em seu casebre, cozinhando no fogão a lenha.....	34
Figura 9. Total de assentados e diferentes etnias encontradas no bairro Jardim Noroeste em Campo Grande, MS.....	35
Figura 10. Nível de escolaridade e sexo no assentamento do Jardim Noroeste em Campo Grande-MS	37
Figura 11. Nível de escolaridade e idade no assentamento do Jardim Noroeste em Campo Grande-MS.....	38
Figura 12. Estado civil e escolaridade assentamento do Jardim Noroeste em Campo Grande-MS	38
Figura 13. Hábito de fumar e sexo dos assentados no bairro Jardim Noroeste, em Campo Grande,MS.....	39
Figura 14. Ingestão de bebida alcoólica e sexo dos assentados no bairro Jardim Noroeste, em Campo Grande,MS.....	39
Figura 15. Procura de atendimento à saúde.....	40

RESUMO

Este trabalho mostra as condições sociais da etnia Terena, assentada na periferia do bairro Jardim Noroeste, em Campo Grande-MS, com a finalidade de dar sugestões que possam contribuir para a melhoria das condições de vida desses indígenas. O levantamento foi feito no período de outubro de 2004 a abril de 2005, com 87 representantes das famílias assentadas, na faixa etária que vai dos 15 aos 74 anos. Para coleta dos dados foi aplicado um questionário, denominado por Inventário de Qualidade de Vida, cujas respostas foram sistematizadas e, posteriormente descritas e analisadas. Os resultados referentes à ocupação dos lotes e condições de vida, mostraram que os invasores chegam com suas famílias, alojam-se em pequenas áreas e logo vão erguendo seus barracos em busca de abrigo e melhores condições de moradia. As habitações são constituídas por barracos de madeiras, plásticos, em condições precárias, sem saneamento básico, água tratada, luz elétrica. As que possuem os benefícios de energia e água são conseguidas através de ligações clandestinas. Referente ao estilo e qualidade de vida, as atividades de lazer são restritas às novelas televisivas. O exercício profissional na maioria com atividades informais, de baixo rendimento salarial é exercido por ambos os sexos, apesar de que a maioria dos entrevistados foram mulheres que se dedicam a afazeres domésticos em suas próprias casas. Referente ao nível de escolaridade e sexo, os resultados mostram que a maioria são mulheres, com idade entre 15 a 25 anos, estado civil casadas e com nível de escolarização de 1^a a 4^a séries do ensino fundamental.

Palavras chaves: Índios urbanos, Terena, Qualidade de vida.

ABSTRACT

This study presents the socio conditions of Terena ethnic group, settled in the surroundings of Jardim Noroeste suburb in Campo Grande-MS, in order to supply suggestions to contribute for the improvement of the life conditions of these indigenous. The survey was made in the period between October 2004 and April 2005, with 87 representatives of the settled families ranging from 15 to 74 years old. The data was collected by means of a questionnaire entitled Life Quality Inventory. The answers were systematized and then described and analyzed. The results related to the occupation of the plots of land and life conditions showed that the invaders arrive with their families, settle in small areas and soon afterwards erect their sheds looking for shelter and better living conditions. The housings are formed by wooden and plastic sheds in very poor conditions, without basic sanitary structure, treated water or electricity. Those which have the benefits of electric power and water use clandestine structures. In relation to life style and life quality, leisure activities are restricted to television soap operas. Professional activities are mainly informal with low income and performed by both genders, despite the fact that most interviewees declared to be women dedicated to housework in their own homes. In relation to school level and gender, results showed that they are mainly women, ranging from 15 to 25 years old, married and school levels ranging from 1st to 4th years of elementary school.

Keywords: Terena, Urban Indians, Life quality.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende mostrar as condições sociais de um grupo de índios Terena que passam por histórias de deslocamento, reteriorização e que se encontram assentados na periferia do bairro Jardim Noroeste, em Campo Grande-MS, a fim de conhecer melhor a situação desses indígenas migrados, que se mudaram, principalmente da aldeia de Cachoeirinha, em busca de melhores condições de vida, na cidade, passando a fazer parte de um contingente humano que, tanto do ponto de vista social quanto do geográfico, permanece na marginalidade.

A opção pelo tema justifica-se por vários motivos, dentre eles, o fato de que apesar de haver um campo considerável de trabalhos que discutem a questão dos índios urbanizados, distribuídos pelas aldeias urbanas da capital, esta é a primeira investigação que se interessa pelos Terena que se estabeleceram no assentamento, do bairro Jardim Noroeste, um dos mais pobres e violentos da periferia da capital.

Além disso, após a visita a vários locais, onde residem índios migrados, estes foram os que, no momento, pareceu mais carentes, tanto de estudos sobre eles quanto de um planejamento estratégico para atendimento mais sistemático, visando a suprir suas reivindicações mais urgentes. Em contato com o próprio representante da FUNAI, este considerou a necessidade da realização de um trabalho mais efetivo junto a essa comunidade e procurou dar o apoio de que se necessitava para que se pudesse contatar com os Terena desse assentamento. Por outro lado, os integrantes da comunidade foram os que se mostraram mais receptivos e, embora tímidos e desconfiados, colaboraram, participando das entrevistas.

Na sociedade moderna, as migrações e suas conseqüências socioculturais têm-se constituído em abordagens de grande interesse para estudiosos e pesquisadores, dada à dimensão que vêm tomando, tendo sido apontadas por muitos como fatores de transformação das identidades culturais urbanas. Portanto,

propõe-se trazer à tona a situação de marginalidade em que sobrevivem os Terena, migrados de aldeias próximas, contribuindo, para mostrar que o acentuado preconceito em relação às minorias indígenas, bem como a outras minorias étnicas e/ou socioculturais, ainda é muito forte, razão por que esse tipo de trabalho colabora para a desmistificação da imagem que se procura solidificar, qual seja, a de um país onde não há preconceitos, visto que todos convivem numa situação de igualdade étnica e social.

Para realização desta pesquisa foi preciso retomar alguns aspectos da trajetória dessa etnia, que descende do grupo lingüístico da família Aruák, representante mais meridional dos povos originários do Chaco paraguaio, que se espalharam por imensas áreas do então Mato Grosso uno e que se restringem, hoje, a algumas aldeias, principalmente às das reservas que se localizam nas cercanias dos rios Aquidauana e Miranda, próximas das cidades com esses mesmos nomes. Ao espalharem-se por diferentes regiões de Mato Grosso do Sul, receberam influências lingüísticas e culturais dos falantes da língua portuguesa, refletidas principalmente nos empréstimos de palavras, que suprem o léxico da língua Terena.

Por outro lado, a intensificação do contato com o não-índio e a necessidade de participarem nessa nova sociedade, de certa forma seletiva, vem contribuindo para uma formação identitária com características diferentes da nativa, mas ainda podem-se encontrar Terena, anciões, que enquanto utilizam, no contato familiar, a língua materna e outros hábitos culturais da etnia, os mais jovens desconhecem os costumes, os rituais, as lendas que alicerçaram a cultura milenar de seus antepassados, o que acelera a assimilação de valores da cultura urbana, a que têm acesso como habitantes da periferia e contribui, ainda, para a construção de identidades mais próximas da cultura urbana.

Procurar conhecer esse estágio atual dos Terena assentados significou reconstruir pelo menos alguns recortes mais relevantes da trajetória dessa etnia, que se assemelha à dos demais indígenas do Continente Americano, mesmo por que a história dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul, como a de outros povos autóctones, inscreve-se num processo contraditório, que oscila entre escravidão e liberdade, violência e aparente pacificidade, domínio e submissão, reproduzindo, na opinião de Cardoso de Oliveira (1976), o modelo etnocida, registrado nas páginas da conquista dos continentes ameríndios. Portanto, compreender as novas pautas sociais do índio Terena na modernidade é demonstrar que estrategicamente esse

povo busca novos espaços para a sobrevivência de sua identidade indígena (AZANHA, 2004).

Desse modo, conhecer episódios da saga dos Terena implicou em tomar conhecimento das sucessivas perdas que as fugas, as guerras interétnicas, o nomadismo, os conflitos constantes lhes causaram. Acostumados a deslocarem-se de suas terras por diversos tipos de imposições, transformaram-se em migrantes habituais, mudando-se, ora das aldeias para as fazendas, ou destas novamente para as aldeias. As migrações para as cidades vizinhas, principalmente Campo Grande, sempre os atraiu, principalmente após as facilidades proporcionadas pelos meios de transporte e, mais recentemente, os apelos, por meio da mídia televisiva, têm contribuído para o despertar dessa vontade de viver na cidade.

O estudo a respeito dos Terena propriamente ditos fundamentou-se, de modo especial, em concepções do sociólogo Roberto Cardoso de Oliveira, cujas obras são tidas como clássicas em relação ao assunto, embora outros autores também importantes tenham servido como fonte de apoio, para as considerações paralelas, que complementam o tema central dessa dissertação. Foram consideradas concepções desse renomado sociólogo, no que se refere ao processo migratório desencadeado pelos Terena, em direção aos centros urbanos mais próximos das reservas, onde situam suas aldeias.

Os Resultados e Discussão trazem a descrição e análise dos dados coletados, com base no *corpus*, que fornece o material para a discussão.

A trajetória da etnia Terena rumo à civilização, partindo de alguns recortes significativos que marcaram suas origens, desde a imigração das regiões do Chaco paraguaio para o Brasil, mais precisamente, para as aldeias do Sul do Mato Grosso uno, hoje Mato Grosso do Sul, até aportarem no mundo urbano, basearam-se nos fatos considerados significativos da história dos Terena.

Para complementar essas concepções e para contextualizá-las dentro das prerrogativas da sociedade moderna, buscou-se apoio em pontos de vista de autores contemporâneos que discutem conceitos que se fazem presentes, quando o assunto se refere à etnia, cultura e outros assuntos afins. Os conceitos que subjazem a essas abordagens situam-se dentro dos princípios do etnocentrismo, que desencadeou o preconceito, que, por sua vez gerou a discriminação, que se relaciona às questões de identidade e diferença, urbanização.

Procurou-se entender mais claramente as transformações que vêm ocorrendo, principalmente na dimensão sociocultural da etnia Terena, que, ao longo da história, vem intensificando seu processo migratório, que acabou por desembocar nas cidades circunvizinhas às aldeias de origem, sempre em busca de qualidade de vida, para si e para os demais membros da etnia.

Espera-se que os resultados coletados e analisados possam contribuir para que, pelo menos algumas ações ou estratégias possam ser instituídas e executadas em benefício desses indígenas que se encontram num processo, ao mesmo tempo, de desconstrução de identidades anteriores e de construção de novas identidades.

A pesquisa encontra-se dividida em três partes principais, assim colocadas: Revisão de Literatura, onde se discutem os princípios que norteiam o trabalho, baseados principalmente nas concepções de Roberto Cardoso de Oliveira, a respeito da trajetória Terena até a sua urbanização. Em Materiais e Método apresentam-se os fundamentos que direcionam o levantamento a campo, apoiado nas concepções da pesquisa de cunho qualitativo, com auxílio de dados quantitativos e se estabelecem os critérios de escolha dos entrevistados, bem como descreve-se sucintamente a localidade onde se encontram os Terena assentados.

Para que o trabalho fosse realizado, objetivou-se conhecer as condições sociais do grupo Terena, assentado no bairro Jardim Noroeste, na periferia de Campo Grande-MS, a fim de verificar se consegue melhorar as condições de vida na situação de cidadãos, para que outras reflexões somem-se a estas, tornando possível a concretização de algumas reivindicações dos atuais assentados, que migram da aldeia ou mesmo de outras localidades rural ou urbana, fixando residência, às vezes, provisória, sempre na periferia.

Para a operacionalização do objetivo geral foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as condições gerais do assentados, residentes no bairro Jardim Noroeste, por meio da aplicação do questionário e de entrevistas,
- Analisar os dados coletados para conhecimento das reais condições sociais dos Terena assentados,
- Descrever os dados obtidos, apontando os principais resultados, bem como a discussão sobre os mesmos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A história dos indígenas do Continente Americano foi marcada desde o início pelo estigma do preconceito e da discriminação, por parte dos colonizadores europeus, que os julgaram inferiores, por serem diferentes, tanto em relação à constituição física quanto aos hábitos culturais e lingüísticos.

Ao chegarem no continente americano, os conquistadores europeus depararam-se com uma pluralidade de hábitos e costumes jamais vista. A quantidade de grupos nativos compostos por índios de troncos e linguagens diferenciadas, dava prova de quão diverso era o gênero humano. A complexidade de suas obras, de seus sistemas simbólicos testemunhava a existência de civilizações milenares (BASTIDE, 1989: p.21).

Os colonizadores não estavam acostumados a vivenciar situações de diversidades étnicas, culturais e lingüísticas tão profundas, razão por que assumiram uma atitude de menosprezo em relação aos nativos, tão diferentes deles. No decorrer da história, os confrontos interétnicos acabariam por repreender os indígenas, social e culturalmente, obrigando-os a adotarem identidades emprestadas, como alternativa de sobrevivência.

Foram levados a converter-se ao catolicismo ou ao protestantismo, abandonando seus deuses, seus rituais sagrados e suas crenças milenares. Os que conseguiram vencer todas essas vicissitudes, foram aos poucos adentrando-se ao mundo dos civilizados, como índios urbanizados, com direito de reivindicarem seus direitos à inclusão social, ainda longe de superar a força da discriminação, tão arraigada na consciência dos não-índios.

No decorrer da história, os conflitos interétnicos acabariam por inibir os nativos, social, cultural e economicamente, uma vez que, ao longo de sua história, foram perdendo suas terras e suas características identitárias.

A identidade Terena constrói-se a partir do "ser índio" numa sociedade excludente e separatista, que aprendeu a fazer pré-julgamento, baseando-se em

critérios relacionados à aparência e aos juízos a respeito do que é certo e do que é errado.

Dentre esses pressupostos antecipados e cristalizados na consciência dos não-índios são relevantes os que concebem os indígenas como integrantes de uma raça inferior, constituída por gente ignorante, desajeitada, preguiçosa, que tem costumes estranhos.

O critério racial, por não trazer nenhum resultado positivo, foi abandonado pela Antropologia há muito tempo, visto que todos os seres humanos pertencem a uma só raça idêntica, o homem *sapiens*. Desse modo, embora haja várias etnias, distribuídas por diferentes lugares do Planeta, a raça humana é um só.

No século XIX, o avanço do positivismo e do evolucionismo, que por muito tempo nortearam os caminhos das ciências, contribuiu para a utilização das teorias raciais, para explicar a diversidade cultural, fato que, atualmente, não encontra respaldo.

A questão da identidade indígena, o “ser índio”, remete, isto sim, a uma construção permanentemente (re)feita a depender da natureza das relações sociais que se estabelecem, ao longo do tempo, entre o índio e outros sujeitos sociais e étnicos: tal construção busca a) determinar especificidades que estabeleçam “fronteiras identificatórias” entre ele e o outro e/ou b) obter o reconhecimento dos demais membros do grupo ao qual pertence, da legitimidade de sua pertinência a ele. É, portanto, nesta sua relação, no tempo e no espaço social, com diferentes “outros” que o índio constrói cosmologias específicas e “modos de ser” particulares que terminam por constituí-lo (MAHER, 2002: p. 116 -117).

Os antecedentes do preconceito encontram-se no apego dos grupos humanos ao modo de vida, aos hábitos e costumes compartilhados no cotidiano, com seus idênticos, enquanto o outro é visto sempre como o excêntrico, o estranho que fala e age de modo diferente e até pitoresco.

A reação diante da alteridade faz parte da natureza das sociedades. Em diferentes épocas sociedades particulares reagiram de formas específicas diante de uma cultura diversa à sua. Uma coisa porém caracteriza todas as sociedades humanas: o estranhamento diante dos costumes de outros povos a avaliação de formas distintas a partir dos elementos da nossa própria cultura (THOMAZ, 1995: p.4).

O autor chama de etnocentrismo ao estranhamento em relação à cultura do outro. Mesmo que a diversidade cultural seja parte da trajetória da humanidade, desde suas origens, a resistência a essa mesma diversidade tem provocado, em situações extremas, episódios dramáticos nas relações entre os integrantes das diversas sociedades humanas. Muitos desses episódios desencadeiam guerras, genocídios e etnocídios. O etnocídio corresponde à destruição, de forma sistemática, das diferentes culturas indígenas, numa tentativa drástica de forçar o índio a assimilar elementos da cultura hegemônica.

Laraia (2001: p.87), ao tratar da lógica própria de cada cultura assegura que: “Todo sistema cultural tem sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo, tentar transferir a lógica de um sistema para outro”. E lamenta o fato comum de se atribuir aos sistemas culturais dos outros “um alto grau de irracionalidade”.

Lévi-Strauss (1993) já havia se manifestado a esse respeito, ao negar a concepção evolucionista de que as sociedades simples são inferiores, porque fazem uso de um pensamento mágico, que é inferior ao científico.

Voltando ao etnocentrismo, esse modo de agir, muito comum na sociedade ocidental, concorreu para que o europeu se julgasse superior em relação àquele povo, recém descoberto, que não falava, nem entendia sua língua e tinha hábitos tão diferentes. Para marcar mais claramente a oposição entre eles e os nativos, trataram de buscar uma designação diferente, que se referisse a todos.

A designação genérica de “índio” para se referir às populações nativas autóctones de origem pré-colombiana, do continente americano tem um efeito reducionista sobre a diversidade étnica das populações indígenas. O termo foi criado pelos colonizadores para opor as culturas européias às culturas dos recém contactados nativos. O termo serviu inicialmente para marcar alteridade entre os “civilizados” e os “selvagens” (ALCÂNTARA, 2000: p. 11).

Como a língua é um dos mais fortes meios de expressão e da identificação étnico-cultural, sua utilização, mediante determinadas formas lingüísticas, representou sempre uma estratégia importante na configuração do processo discriminatório, mediante o uso de palavras e/ou expressões, empregadas para denominar os alienígenas, tais como: a própria palavra índio, usada pelos

colonizadores europeus e que se tornou uma designação genérica, aceita pelos nativos.

Durante o longo período de cativeiro dos silvícolas, os escravos eram designados pelos proprietários, quando a eles se referiam, por: *gentes forras*, *almas do Brasil*, *gentios da terra* e muitas outras expressões que serviram para dissimular a situação de escravidão que tiveram que suportar por muito tempo.

Mesmo tendo conquistado a liberdade, a situação mudou muito pouco. Hoje, transitam livremente nos espaços sociais, onde são alcunhados de bugres, designação que disfarça a condição identitária, oscilante entre ser índio em território de branco ou esforçar-se por parecer branco, nesse mesmo território. (ver autor e ano). Professora procurei nos meus registros e não consegui localizar.

A etnia Terena, incluída entre as demais minorias étnicas, emerge do anonimato, do preconceito e da discriminação social, em busca de um lugar definido na sociedade civilizada. Como reconhece Bhabha (2003: p.25), “cada vez mais, as culturas ‘nacionais’ estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas”, onde se incluem os grupos indígenas, principalmente os que migram para o meio urbano, passando a ser denominados de índios urbanizados.

Por índio urbanizado entende-se a princípio o índio integrado ao mundo da civilização. Este termo, conforme etimologia latina, vem de *civilitas*, que por sua vez deriva-se de *civis*, cidadão, que se opõe a *peregrinus* e *hostis*, ou melhor, a estrangeiro, estrangeiro. Essa mesma oposição se estende ao termo *civilis*, que se opõe a *ruralis*. O primeiro, significando educado, afável; o segundo, rústico, grosseiro. O conceito etimológico de civilização associa-se a um padrão de vida civil, urbano, opondo-se ao padrão rural, que guarda conotações de incivil e não urbano (BERNARDI, 1974).

Do ponto de vista humanista, os povos se dividiam em civilizados e bárbaros, de modo que civilizados eram aqueles do mundo, cuja sistema social era modelo e adeptos ao cristianismo, enquanto os demais eram os incivilizados. Dentro da cultura greco-latina, bárbaros eram todos os povos que vinham de fora. Na sociedade contemporânea, há um movimento intenso, buscando criar motivações para a efetivação da inclusão social do indígena, assim como de outras minorias sociais, como uma forma de dissimular o preconceito.

Para BAINES (2001) o fato de serem positivas ou negativas as aldeias urbanas é complexo afirmar, e a questão está mal formulada, já que as aldeias

urbanas e índios citadinos abrange uma multiplicidade de situações diferentes, com histórias diversas de contato interétnico.

O comportamento etnocêntrico vem, aos poucos, perdendo o respaldo no mundo contemporâneo, em que a grande tônica é aprender a conviver com as diferenças, que geram as diversidades e os direitos à diferença são respeitados.

Na prática, esta é uma aprendizagem difícil de ser totalmente assimilada pelo índio, embora venha conquistando cada vez mais espaço, num mundo em que não se pode mais pretender ocultar ou camuflar a tendência multiculturalista, que se transforma num fenômeno globalizado, à medida que ganha, cada vez mais, a simpatia da mídia e das redes informacionais (GONÇALVES e SILVA, 2000).

Em razão do preconceito, que ainda é forte no Brasil, as possibilidades de ascensão social são definidas mais pela cor e pela etnia do que pela competência, razão por que o índio, da mesma forma que outros integrantes das minorias étnicas e sociais, têm maior dificuldade em incluir-se na sociedade dos brancos.

Cardoso de Oliveira (1976), que estudou o processo de assimilação e urbanização dos Terena aldeados e citadinos, relatou em seus estudos que a mobilidade física e social, a migração e a acomodação no meio urbano tornou possível a permanência do grupo na cidade, sem que perdessem todos os traços tribais.

Segundo Altenfelder (1949), os fenômenos que culminaram na mudança cultural dos Terena, foram provocados pelos contatos não só de tribos da Chaco paraguaio, mas também com elementos de origem africana.

Depois de se deslocarem para o sul de Mato Grosso os Terena mantiveram-se, por algum tempo, isolados das populações brasileiras. Gradativamente, porém, foram eles influenciados pelos contatos com as povoações daquela região (ALTENFELDER, 1949: p.274).

Apesar do relato descrito caracterizar aculturação, não pode significar que realmente foram aculturados.

O mesmo autor refere-se, ainda, a alguns fatores que, ao longo do tempo, facilitaram a participação de alguns Terena no universo sociocultural dos citadinos por meio de casamentos com brancos e das relações de trabalho. Estas relações variam muito, indo de gari, subempregados ou prestadores de serviços domésticos, à conquista de emprego em escritórios, além daqueles de cunho político.

Candini (2000) argumenta que a expansão urbana intensificou o hibridismo cultural e os meios massivos de comunicação de tecnologias eletrônicas contribuíram para a hibridação cultural, principalmente da língua e do espaço físico, o que favoreceu a participação do índio ao crescimento urbano, mas sem conseguir conquistar espaços mais bem sucedidos.

Cardoso de Oliveira (1968) refere-se à urbanização dos Terena como o processo de migração, do ambiente rural, das aldeias para a cidade. Urbanizar-se significa residir na cidade.

Para chegar ao estágio atual de urbanização dos Terena é preciso conhecer sua trajetória, como habitante desta região, para, a seguir, retomar-se ao tema central do trabalho, que é o estudo das condições sociais dos assentados na periferia do Jardim Noroeste.

2.1 OS TERENA EM MATO GROSSO DO SUL

2.1.1 Origem e Organização

Os Terena, como hoje são conhecidos, eram chamados também de Guaná, pelos conquistadores espanhóis que assim denominavam os grupos da Bacia do Paraguai, como Terena, Layana, Kinikinau e Echoaladi, este último grupo dizimado durante a Guerra do Paraguai. Dos Layana e Kinikinau sobraram poucos remanescentes espalhados pelas reservas Terena (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002).

Antropólogos, sociólogos e etnólogos, que se dedicaram a pesquisá-los, encontraram, nesses índios, traços que levaram a caracterizá-los como sendo descendentes da família lingüística Aruák e são os representantes mais meridionais dessa família. Constituíam um dos grupos mais numerosos e suas tradições estavam ligadas a elementos culturais dos índios do Chaco paraguaio, de onde saíram no século XVII. A família lingüística *Aruak* divide-se em vários grupos, com ampla distribuição geográfica. No Brasil, compreende mais ou menos 16 línguas vivas (HOUAIS, 2001).

Para Altenfelder, (1949), os Terena não devem ser considerados índios tipicamente brasileiros, devido as razões já mencionadas no parágrafo anterior. Submetiam-se aos Mbayá-Guaicuru, mantendo relações de aliança, por meio da união de mulheres Terena, que eram cedidas ao casamento com os chefes e guerreiros dos Mbayá-Guaicuru. Esta aliança intertribal foi consolidada ao longo do tempo, dando lugar a uma estrutura social complexa, sendo os Terena, um segmento social autônomo e fornecedor de proventos. Os Mbayá-Guaicuru eram responsáveis pela segurança dos grupos locais.

Quanto à estrutura social Terena, ela se dividia em dois grupos diferentes e socialmente sobrepostos: o dos cativos e o grupo tribal Terena, que era dominante. Estes, por sua vez, eram subdivididos em dois outros: um que constituía o dos chefes e seus parentes, chamado Naati, e o outro, dos homens comuns ou povos, denominados *Waherê-txané*. O primeiro termo significa bom, o segundo, etimologicamente, traduz gente ruim, mas quer dizer realmente gente comum. (BITTENCOURT E LADEIRA, 2000; CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002).

Atualmente a estrutura e a unidade social são mais inclusivas, tendo autonomia política própria. Possuem um cacique e um conselho tribal que responde pelas relações políticas de cada “setor” como os índios chamam, sendo sinônimo de aldeia. Essa estrutura social em Cachoeirinha não ocorre, sendo que ainda hoje a figura do cacique geral permanece em vigor (AZANHA, 2004).

Os Terena tipicamente agricultores, combinavam as atividades de caça e de coleta. O ambiente onde viviam se caracterizava como uma área de planícies, com pequenas elevações e clima ameno, mas, durante o período de inverno, que era de junho a agosto, as baixas temperaturas chegavam a congelar as águas. O tempo das chuvas se estendia de outubro a maio. A vegetação da região era caracterizada por arbustos, capoeiras cerradas, rica em plantas alimentícias e palmeiras. As matas eram abundantes em caça e os rios em peixes (ALTENFELDER, 1949).

O mesmo autor refere-se ainda as suas ocas, que eram longas e de teto arqueado em duas águas, que desciam até próximo ao solo, sobre parede de 1.60m de altura, tendo no centro e nos extremos três postes que sustentavam a viga central sobre as quais apoiavam caibros e ripas. Essas habitações eram cobertas de sapé ou folhas de acuri.

As ocas distribuía-se na aldeia, ao redor de uma praça central, ficando as roças ou plantações separadas na área exterior. Em cada casa viviam várias

famílias, obedecendo a um chefe. Atualmente as residências se estabelecem em determinado “setor” ou aldeia, reunindo os parentes. As casas desses grupos de parentes geralmente localizam-se próximas umas das outras e abrigam um grupo doméstico composto por no mínimo duas gerações (pais e filhos) e no máximo quatro gerações (avô, pai, filhos e netos). Já na reserva de Cachoeirinha parte das residências abriga famílias por no mínimo duas gerações e outras restantes abrigam famílias com até quatro gerações (LABRADOR, 1910; AZANHA, 2004).

O trabalho era dividido entre os povos da comunidade, sendo reservado ao homem a lida agrícola, com preparação da terra para o plantio, cestaria e guerreira, a mulher se dedicava à cerâmica e à fiação. A unidade econômica era a família extensa, posto que assim poderiam ter mais pessoas para ajudar na lida de cultura de subsistência. Em tempos recentes suas roças são plantadas em lotes contíguos e a cooperação econômica e partilha da colheita é realizada entre as casas dessas famílias (MARTINS, 2002).

Produziam o fogo pelo processo rudimentar de fricção de duas varetas. A maioria dos alimentos eram consumidos cozidos, tostados, fervidos e assados. Plantavam mandioca e a utilizavam como alimento, mas não conheciam o processo de fabricação da farinha. A alimentação básica era o milho esmagado com que faziam bolos, broas e a bebida fermentada, a chicha.

Outras iguarias que faziam parte do cardápio eram mandioca, batata doce, banana, abobrinha, amendoim, feijão miúdo. As carnes de caças, geralmente onças e peixes, tostados ou moqueados, também eram incluídas na dieta alimentar, que podia ser enriquecida com a ingestão de carne de mussum e caramujos. Alimentavam-se também de frutos silvestres, que coletavam nas matas circundantes.

Segundo Castelnau, (1850 *apud* ALTENFELDER,1949) em 1845 suas vestimentas consistiam de saiotos de algodão (xiripá), até a altura dos joelhos, presos ao corpo com uma faixa. Quando sentiam frio, usavam camisetas sem mangas, tecidas em fibras de algodão e palmeiras, fiados pelas mulheres da aldeia. Costumavam depilar o corpo todo com exceção do crânio; por considerarem que este estava ligado a crenças e magias. O cabelo era puxado para cima e amarrado atrás da cabeça. Usavam alpargatas de couro em forma pentagonal, com tira de couro sobre o peito do pé.

Por ocasião das festividades, dividiam-se em quatro classes sociais, a dos nobres, de onde se recrutavam os chefes do povo, a dos guerreiros, a dos plebeus (*uarrerê-tchané* ou gente feia) e a dos escravos (ALTENFELDER, 1949).

O modo de vida dos Terena foi mudando gradativamente, como já relatava ALTENFELDER (1949: p. 298), mas ainda encontra-se em processo de mobilidade social.

Os Terena apresentam em sua cultura uma pluralidade de formas que testemunham o crescente processo de aculturação por que passaram e por que estão passando ainda. Nas suas casas, panelas de barro e as cabaças se empilhavam de mistura com panelas de ferro, latas de conserva e garrafas de vidro. O mesmo se observa com relação ao vestuário, às danças e nos jogos. Esse processo de mudança se tem acelerado nos últimos trinta anos, sob a influência, consciente ou inconsciente, dos missionários (católicos ou protestantes), do Serviço de Proteção aos Índios e dos comerciantes e fazendeiros das áreas vizinhas.

Nos dias atuais a distribuição das residências nas reservas e aldeias, os lotes de roças, pastagens e mata remanescente, deixam claro que as condições para instalação de novos grupos domésticos chegaram ao limite, o que resulta na procura de trabalho externo.

2.2 CONTATO COM OS BRANCOS: PRIMEIROS CONFLITOS

2.2.1 Os Bandeirantes e as Missões.

O fato de a história do Brasil ser registrada em documentos escritos e de a escrita não fazer parte do universo cultural do índio, contribuiu para que a história dos Terena, como a dos demais indígenas, fosse contada sob a ótica do branco, que nem sempre procurou entender o comportamento e a cultura dos povos indígenas.

Os índios Terena da região, desde os primeiros contatos com o branco, sofreram perseguições por três frentes distintas. De oeste para o leste, a perseguição dos espanhóis, que os utilizavam nos trabalhos agrícolas e na extração de minérios.

De leste a oeste, os portugueses, os bandeirantes, monçoneiros, perseguiram-nos, caçando-os e escravizando-os para ajudarem no descobrimento das famosas minas de ouro. Nos trechos em que precisavam andar a pé, eram eles que carregavam as enormes canoas, sendo também, os responsáveis por tocá-las a remo, enfim, por todo trabalho que necessitasse de muito esforço.

Caçados e preados, para serem comercializados na metrópole, os índios são tidos como vilões, enquanto os bandeirantes que mais os perseguiram são os heróis.

Do sul ao norte, enfrentavam a pressão dos jesuítas que os aldeavam em missões ou reduções locais, onde sofriam um processo de aculturação, por meio dos ensinamentos da religião católica, da língua portuguesa, e de muitos outros modos de ser, que foram descaracterizando suas tradições culturais (ALTENFELDER, 1949).

MOURA (2001) relata que dentro das missões, os índios realizavam todo o processo de produção. Parte dessa produção era consumida nesses aldeamentos e o restante comercializado. Mesmo acuados pelas três frentes, resistiam bravamente às imposições culturais, usando a tática da migração como forma de fuga e garantia de sobrevivência em liberdade, evidenciando o apressamento de ALTENFELDER em falar que o índio Terena estava se aculturando.

Mesmo na época do descobrimento o saber indígena, que já representava uma forma de resistência a novas culturas, foi usado pelos exploradores espanhóis e portugueses, para a navegação sobre rios desconhecidos, desbravamento da região, repleta de rios, cachoeiras, saltos, e também no fabrico de canoas, remos, conhecimento da flora, fauna e regiões auríferas. Os índios foram essenciais para o estabelecimento de contato com outras tribos indígenas, sendo transformados em verdadeiros guias na conquista das riquezas brasileiras da época (MARTINS, 2002).

Os Terena do sul de Mato Grosso foram os que melhor resistiram ao embate da cultura hispano-portuguesa. Mesmo assim sofreram profundas mudanças. Desde o início da era colombiana, adotaram muitos elementos da cultura européia, dentre eles o cultivo da cana de açúcar, a criação de gado e cavalos, iniciando um sistema de troca com as povoações espanholas e portuguesas.

Esse fato beneficiou o contato com o branco e se refletiu no processo de miscigenação de raças, tornando-os susceptíveis a contraírem doenças a que não tinha resistência. Esse acelerado processo de civilização culminou com o extermínio

de alguns grupos. Os que sobreviveram passaram a conviver com culturas diferentes, adquirindo hábitos culturais.

Apesar de a cultura indígena ter-se transformado, pelo fato de estar o índio cada vez mais mergulhado na cultura do branco, assimilando, de forma acelerada, os conceitos de domínio do “civilizado”, isso não implica em que perca totalmente sua identidade indígena.

2.3 ALDEAMENTOS E RESERVAS

A Guerra do Paraguai, que durou de 1864 a 1869, causou desmoronamento da estrutura social da população Terena, que se dispersou, em virtude da desarticulação dos grupos sociais. Passaram, então, a viver em condições miseráveis, até como cativos nas fazendas da região (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976).

O engajamento dos índios às tropas brasileiras fazia-se mediante presentes e promessas de concessão de terras. A guerra acelerou os débeis projetos de aldeamentos e catequese na província do Mato Grosso uno. Os aldeamentos foram cogitados para reforçar a desmobilização e expansão paraguaia. Por isso, o governo brasileiro criou oito colônias indígenas em área imperial fronteiriça, usando os índios como defensores da fronteira, tendo em vista que a defesa territorial era objetivo do império (CORRÊA, 1999).

A guerra entre Brasil e Paraguai provocou mudanças culturais na vida dos Terena que, ao término das batalhas, voltaram a instalar-se na região oeste do sul do Mato Grosso. O antigo território das aldeias já era disputado por novos "proprietários", em geral oficiais desmobilizados do exército brasileiros e comerciantes que lucraram com a guerra e permaneceram na região.

Segundo Cardoso de Oliveira (1978: p. 35): “[] começava uma nova vida para os Terena, que, embora continuasse a identificar-se com o grupo local, com seus patrícios de outras aldeias, como se pertencessem a seu povo, não possuía mais a antiga trama de relações intercomunitárias de comércio de bens e troca de mulheres, desaparecendo completamente e enfraquecendo a solidariedade tribal [...]”

Em meados do século XIX os povos indígenas eram numerosos, superando os brancos, porém, o acordo estabelecido entre Brasil, Argentina e Paraguai tornou as águas do rio Paraguai livres à navegação internacional, o que facilitou a invasão do sul do então Mato Grosso, pelas forças do exército paraguaio, favorecendo a chegada de inúmeros aventureiros e desbravadores.

No final do século XIX, foram feitas novas tentativas de pacificação de grupos indígenas, com a criação da Comissão Construtora de linhas telegráficas, em que o governo imperial procurou viabilizar a segurança e o desenvolvimento das regiões mais distantes da capital do império (VASCONCELOS, 1999).

A comissão nomeada tinha como objetivo a segurança nacional e dentre os nomeados pelo Ministério de Guerra, estava o Alferes-aluno Cândido Mariano da Silva Rondon.

As primeiras reservas foram instituídas entre 1904 e 1905, por iniciativa de Rondon à frente da Comissão de Linhas Telegráficas. Nessa época foram criadas as Reservas de Cachoeirinha, Bananal, Ipegue e Lalima, todas no então município de Miranda, que mais tarde foi dividido em municípios menores. As aldeias de Cachoeirinha, Bananal e Ipegue foram constituídas em Reservas Indígenas através de Rondon, conseguiu junto ao Presidente do Estado a reserva de 7.200 hectares para Bananal e Ipegue e 3.200 hectares para Cachoeirinha, hoje em Aquidauana, MS.

Cada uma das Reservas Indígenas possuía um ou mais Postos Indígenas, que eram as unidades básicas do Serviço de Proteção ao Índio (S.P.I). Os Postos com finalidades mais protetoras do que assistenciais. Essa proteção refere-se ao controle das relações interétnicas, por meio da mediação das relações entre índios e brancos.

No início do século XX, Rondon e seus companheiros recrutavam índios para ajudar nos trabalhos, ao mesmo tempo que aproveitavam a oportunidade para denunciar as invasões de terras por fazendeiros da região.

Rondon, seguido pelos princípios de seu chefe Major Gomes Carneiro, que ,em 1890, proferiu a seguinte frase: “Quem, dora em diante, tentar matar ou afugentar os índios de suas legítimas terras, terá de responder por esse ato, perante a chefia desta comissão” (VIVEIROS, 1958: p.67).

O Marechal Rondon, seguindo os ensinamentos de seu superior, quase que à revelia do poder do Estado, demarcou as terras indígenas e intimou os fazendeiros a explicar seus atos contra os índios.

Tendo constatado fraudes nas linhas divisórias das terras demarcadas, após entendimento com índios e fazendeiros fez novas demarcações intercedeu junto ao presidente do Estado de Mato Grosso, para que reconhecesse e mantivesse a posse das terras aos índios.

As comissões telegráficas representaram um marco importante para os rumos da política indigenista, que interferiu nas violências praticadas contra os índios, que, embora não cessassem, diminuíram. Apesar da oposição aos ideais humanísticos de Rondon, estas foram amparadas por fortes facções políticas, o que não impedia que os problemas relacionados aos indígenas passassem pelo crivo da Igreja, fato este muito criticado por Rondon, que apesar de ter tido um ideal de manter os índios protegidos, incentivava a integração do indígena à sociedade (VIVEIROS, 1958; FARIA 1981).

Muitos outros fatos importantes da história do povoamento do sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul interferiram grandemente na vida dos Terena, proporcionando a evasão de famílias inteiras, que saíram de aldeias, na expectativa de encontrar trabalho e estabilidade nas cidades próximas.

A ligação telegráfica brasileira foi um dos fatos que contribuiu para o povoamento do sul de Mato Grosso e o Marechal Rondon realizava, concomitantemente, o levantamento de áreas ocupadas pelos índios. Neste período vários índios Terena trabalharam para a comissão encarregada de estabelecer as linhas telegráficas do então Mato Grosso.

A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, iniciada em 1905, foi outro fator importante, que influenciou o aumento da população não indígena na região, interferindo grandemente na vida dos Terena.

Na época, o traçado inicial objetivava ligar Bauru, em São Paulo, a Cuiabá, em Mato Grosso. Entretanto, por motivos de política externa brasileira, o traçado inicial foi modificado, passando a ligar Bauru (SP) a Corumbá (MT), garantindo o acesso à Bolívia.

Em 1911 e 1912, reiniciada a construção e conservação das linhas da Noroeste, novamente foram recrutadas mão-de-obra indígena. A partir de então, a ligação do sul do Mato Grosso com São Paulo, provocou intensa circulação de

povos não-índios por entre áreas de reservas indígenas, o que intensificou os contatos desses povos com as populações brasileiras (CONHECER BRASIL, 1982).

Taunay (1923) relatou a ligação dos Terena com a organização política brasileira, mostrando que o dinheiro começava a influir na economia das famílias Terena que gradativamente eram influenciados pelos costumes dos homens civilizados.

Atualmente os índios aldeados, possuem pequenas porções de terra que inviabilizam a produção agrícola, por se tornarem insuficientes para atender uma população que apresenta certo grau de crescimento populacional.

Segundo FUNAI (2001), estima-se que, na atualidade, 13.629 índios Terena habitem um território descontínuo, fragmentado, cercado por diversas fazendas e espalhados por sete municípios sul-mato-grossenses.

Há famílias, também em Porto Murtinho convivendo em terras indígenas Kadiwéu, em Dourados, em terras indígenas dos Guaranis, e em Bauru, no Estado de São Paulo.

As terras Indígenas Terena atuais foram “requeridas” ao Estado do Mato Grosso pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) nas décadas de 1920 e 1930 AZANHA (2004). Atualmente encontram-se num território que se estende de Miranda a Sidrolândia, passando por Aquidauana, Anastácio, Dois irmãos do Buriti, Nioaque, Bonito e Rochedo, Argola, Passarinho, Moreira, Brejão, Taboquinha, Água Branca (Aquidauana), Água Branca (Nioaque), Córrego do Meio, Buriti, Água Azul, Limão Verde, Córrego Seco, Lagoinha, Imbirussú, Bananal, Colônia Nova, Ipegue, Jaraguá, Bálsamo (Rochedo) e Aldeinha (urbana), além dos que, hoje vivem fora das aldeias (CERQUEIRA, 2005; CABRAL, 2002; FUNAI, 2001).

A limitação territorial e a superpopulação das reservas forçaram alguns índios a viverem de subempregos, em fazendas de regiões próximas às cidades, deixando suas terras, antes cultivadas e abandonando a criação de gado.

Hoje o trabalho indígena nas fazendas é conhecido, não só como temporário autônomo, mas também como trabalho assalariado. O índio geralmente é requisitado para serviços braçais, como a instalação de cercas, corte de postes de madeira, carpina de pastagens, colheita de feijão e lida de vaqueiro como no aparte de bezerros. Nas usinas de álcool, são contratados como empreiteiros. A changa, um dos tipos de trabalho temporário, muito comum na região, geralmente é exercido, quando há relações de parentesco, lealdade firmada entre o empreiteiro e o índio

pretendente à empreita. Este tipo de relacionamento intensifica-se durante o período eleitoral.

Politicamente, os Terena têm uma história contada por meio da legislação indigenista que tornou expressivo o entendimento progressivo entre as etnias prevendo a integração paulatina do índio na sociedade urbana.

Os primeiros registros que formalizaram judicialmente o direito do indígena que, segundo Alvarez (2001), foi o do Papa Paulo III, em 1537, que os reconheceu como verdadeiros homens, que não deveriam ser escravizados. A partir desse fato histórico, aliados às resoluções do estado colonial português, foi estabelecida a liberdade dos índios.

Em 17 de Outubro de 1831, foi promulgada a restituição à liberdade dos índios, com a revogação as Cartas Régias de 1808, porém, mantiveram-nos equiparados aos órfãos, tendo juizes de paz como seus tutores.

Com o advento de uma nova política indigenista, de caráter protecionista, promulgou-se o Decreto lei nº 8.072, de 20 de junho de 1910, criando-se então o Serviço de Proteção ao Índio (S.P.I), com a tarefa de possibilitar a evolução dos grupos indígenas, passando da condição de inferior para superior, critério este necessário na época para a integração do índio à sociedade nacional (ALVAREZ, 2001).

Embora muitas vezes sem apontar soluções mais adequadas, foram numerosas as críticas ao modo como o S.P.I passou a tratar os índios, acorrentando-os a exigências que muitas vezes estavam fora de seu alcance cultural.

Em 24 de julho de 1845, foi promulgado o Decreto lei 426, que se tornaria à legislação básica da política indigenista, no período imperial que, com seus 38 parágrafos, visava à integração do índio e a apropriação de suas terras tradicionais (MOURA, 2001).

Com a criação do Estatuto do Índio em 19 de dezembro de 1973 como Lei 6.001, os índios permanecem sob tutela da nação. Foram então criados os postos indígenas, um para cada aldeia, procurando levar ao índio a assistência e a proteção do Governo. Entretanto, a ineficiência da proteção dada aos indígenas e aos aldeamentos feitos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que substituíra o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), fez com que o índio novamente procurasse trabalho junto a agricultores da região ou migrasse para terras cada vez mais

distantes, na tentativa de resgatar seus usos e costumes primitivos, caracterizando novamente a resistência em se adaptarem a novas culturas (PAULA, 1944; OLIVEIRA, 1976).

Para Cardoso de Oliveira (1976), a economia da população Terena não se diferenciava muito nas aldeias criadas, já que a população vivia sob a tutela do programa econômico do posto indígena na reserva e havia uma preocupação com o destino das populações tribais, a partir do momento em que deixassem suas aldeias perderiam a tutela a que sempre estiveram acostumados.

2.4 PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DOS TERENA

O processo de urbanização Terena iniciou-se com as migrações Aldeia-Cidade. Cardoso de Oliveira (1968) traçou os caminhos que os Terena percorreram até chegarem a cidade, classificando em quatro modalidades de migração.

A primeira, refere-se à migração direta da Aldeia para a Cidade; a segunda envolve os índios que, tendo nascido na Aldeia, migraram para a Fazenda e, a seguir, para a Cidade; a terceira diz respeito ao contingente indígena que nasceu na Fazenda, migrou para a Aldeia e desta, para a Cidade. A quarta modalidade refere-se à migração direta da Fazenda para a Cidade.

Essas modalidades de migração mostram que, por via direta ou indireta, os Terena acabam desembocando na cidade, principalmente na capital do Estado do Mato Grosso do Sul.

O índio migra de sua aldeia para a cidade, a fim de encontrar um mundo diferente, bem melhor do que aquele de sua aldeia de origem. Cardoso de Oliveira (1968), que, ao estudar o processo de urbanização dos Terena, procurou o grau de variação das famílias e suas gerações na incorporação aos padrões de conduta da cidade, investigou as relações interétnicas. Relata também em sua obra, o processo pelo qual um grupo étnico que se incorpora ao outro vai perdendo suas peculiaridades culturais e a identificação étnica.

O mesmo autor relata em seus escritos que o índio, mesmo vivendo em cidades, não deixa de ser índio; visto que, geralmente, permanece fiel às suas origens étnicas e aos grupos formados por famílias organizadas e que se mudaram

das aldeias para as cidades, explicando, então, a relação que se cria entre a população indígena já urbanizada, a que está em processo de aculturação, e a situação de conformismo característico de um povo diante de situações problemáticas, como falta de terra para plantar, de alimentação adequada, de educação e trabalho.

Os índios que se urbanizaram tornaram-se segmentos da população citadina menos favorecida, herdando a condição de inferioridade, como escravos e trabalhadores rurais, e carregam uma história de submissão e genocídios, que os tornou excluídos do sistema social e cultural brasileiro (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976).

O índio na cidade não é um problema em si, as questões dirigem-se ao foco do processo de aculturação, urbanização e, conseqüentemente, da mudança de paradigma que o aproxima da realidade do homem urbano e distancia-o da sua origem primitiva, supostamente mais saudável (FERNADES JUNIOR, 1997).

As famílias, geralmente desestruturadas, que se aventuram em deixar a aldeia, quando chegam à cidade deparam-se principalmente com desemprego e falta de moradia e optam por invadirem terrenos de forma ilegal sujeitando-se a morarem em barracos de lona, sem saneamento básico e, quando vão à procura de um trabalho percebem que estão despreparados para assumi-lo. Isto aumenta ainda mais o número de marginalizados e excluídos (MOURA, 2001; METRÓPOLE, 2003).

Grande parte dessas famílias está concentrada no maior projeto habitacional realizado pela prefeitura de Campo Grande, capital do Estado do Mato Grosso do Sul, que objetivava, atender aos índios do Estado.

Na cidade, o convívio social geralmente ocorre em camadas mais baixas do estrato social urbano e com as mesmas restrições sofridas pelas classes mais pobres da população regional.

O índio, mesmo fora de sua aldeia, ainda se identifica como pertencente a um grupo étnico definido. Mantém a gleba de terra na aldeia, cultivada por parentes e sempre que possível, retorna ao convívio social, especialmente em datas festivas (BRANDÃO, 1986).

O processo pelo qual um grupo étnico se incorpora ao outro, perdendo parte de suas peculiaridades culturais e identificação étnica anterior, é conhecido por assimilação. Assimilar culturas leva à mobilidade social e à mudança cultural do indivíduo, tornando-o um membro de uma outra classe ou do próprio grupo étnico.

Os comportamentos assimilados pelos Terena, mesmo que incompatíveis com os da própria cultura, que lhes é peculiar, fomenta uma mudança para um novo paradigma que se reflete nos índios que se aventuram em terras fora das reservas e aldeias na região rural, principalmente os centros urbanos de cidades sul-mato-grossenses.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa envolveu um estudo descritivo dos dados, dentro de uma abordagem qualitativa, auxiliada por algumas constatações obtidas por meio da quantificação de alguns dados. Os sujeitos desta pesquisa foram vistos como parte de um todo, em seu contexto natural, habitual, objetivando conhecer melhor os seres humanos e compreender suas condições de vida e sua visão de mundo. O levantamento foi feito por meio de entrevistas e aplicação do Inventário de Qualidade de Vida, baseado no Inventário Censitário da UCDB (1999), com algumas adaptações, contendo informações referentes a aspectos socioambientais e culturais referentes aos aspectos quanto a moradia, saneamento básico, nível de escolaridade, profissão, estilo de vida e lazer do assentamento e dos assentados e, complementado por registros e anotações no diário de campo.

Na primeira, foram selecionadas as leituras fundamentais para o apoio teórico, principalmente em relação ao conhecimento da etnia Terena. A seguir, foram feitas visitas a aldeias urbanas e assentamentos, para que se procedesse a escolha da localidade, objeto da pesquisa, e fossem estabelecidos os critérios para a seleção dos entrevistados. Na segunda etapa iniciaram-se as negociações com o representante da FUNAI e com os líderes indígenas da localidade, que culminaram com a permissão para que se fizesse o levantamento *in loco*. A FUNAI emitiu uma autorização em 24 de maio de 2004, com o protocolo de nº. 009/2004/EPP/ERA/CG/MS (conforme Anexo A, p.63.), autorizando a entrada nas aldeias indígenas do interior do Estado, o que facilitou a acolhida por parte dos índios assentados, embora estes, ao deixarem suas aldeias percam a tutela da FUNAI, passando a fazer parte da jurisdição do município.

A autorização para as visitas às Reservas e às aldeias urbanas faz-se necessária para que realmente os resultados sejam passados ao término da pesquisa, tanto para a FUNAI quanto para a própria comunidade indígena pesquisada.

Escolhido o local da pesquisa, várias visitas foram agendadas e cumpridas, sendo que duas delas tiveram caráter oficial, tendo servido de motivo para reuniões que precederam ao contato menos formal com os entrevistados. Nesta ocasião o líder da comunidade Jardim Noroeste indagou sobre a possibilidade de levar-se alguma ação social à comunidade e que esta ação poderia aproximar a Universidade do assentamento. As reivindicações mais comuns estavam ligadas à capacitação profissional, educação, saúde, documentação civil e desporto, principalmente com as crianças indígenas, consideradas como a nova geração Terena.

As entrevistas e a aplicação do questionário foram realizadas sempre fora das residências. Poucos foram os que deixaram esta pesquisadora adentrar-se em suas casas.

Em maio de 2004, por ocasião da primeira visita ao assentamento, encontraram-se 80 famílias, seguindo duas lideranças. Destas 50 obedeciam à liderança do líder da Organização Indígena *Tumune Teéxaxapa Terenoé* e 30, seguiam o líder da Associação indígena Jardim Noroeste, que não mostrou interesse em participar da pesquisa, que durou de outubro de 2004 e abril de 2005.

O contato com representantes da comunidade foi mediato pela FUNAI, por meio do Setor de Educação; visto que há interesse em se saber quantos são e como estão vivendo os indígenas desse assentamento.

A comunidade indígena do Jardim Noroeste foi, então, escolhida para o estudo sendo considerados três critérios fundamentais:

1º. O fato de encontrarem-se assentados na periferia de um dos bairros mais carentes da capital sul-mato-grossense;

2º. A própria indicação da Administração Regional da FUNAI em Campo Grande-MS, alegando que não havia dados registrados referentes a essa população;

3º. Interesse da comunidade em participar das reuniões e a colaborar com a pesquisa.

3.1 AMOSTRA

Foram entrevistados, aleatoriamente, 87 representantes de cada uma dessas famílias, com idade de 16 a 74 anos, sendo, na 1ª fase, 44 adultos, 33 do

sexo feminino e 11 do sexo masculino e, na 2ª fase, 43 adultos, 32 mulheres e 11 homens.

3.2 COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados nos meses de julho a outubro de 2004 e de março a abril de 2005, em visitas a campo no assentamento indígena do Jardim Noroeste.

O representante da comunidade reunia as pessoas interessadas no quintal de sua casa para assistirem às palestra sobre educação, saúde e preservação do ambiente em que vivem. Em seguida procediam-se as entrevistas e aplicação do questionário individualmente, a cada uma das pessoas que representavam determinada família, como pode ser visto na Figura 1.



Figura 1 . Entrevista com moradoras em suas casas no assentamento do bairro Jardim Noroeste, Campo Grande-MS.

3.3 LOCALIDADE

O bairro Jardim Noroeste é uma região residencial com pequena concentração de comércio e serviços, localizado às margens da BR-060, na saída

de Três Lagoas-MS. Sua principal via é a Rua da Conquista. Na época da realização da pesquisa contava, no início , com um total estimado em 80 famílias. Na última visita mais sete famílias integraram-se ao grupo já existente. O bairro Jardim Noroeste faz parte da região do Prosa e é resultado de áreas loteadas para expansão da malha urbana de Campo Grande, MS. O loteamento foi aprovado pela Câmara Municipal em 27 de fevereiro de 1963, na saída para Três Lagoas-MS, delimitando, assim, a região leste da capital com a zona rural (PMCG/PLANUB, 1998).



Figura 2 . Vista aérea do loteamento bairro Jardim Noroeste (Fonte Laboratório Geoprocessamento–UNIDERP).

O abastecimento de água na região urbana do Prosa é feito por uma rede de distribuição de água, por meio de poços artesianos ou cisternas interligadas, abrangendo todas as regiões mais densamente habitadas, porém esse critério para o abastecimento de água do município, não é atendido no Jardim Noroeste por possuir baixa densidade populacional (MARTINS, 2002; PLANURB, 2004).

O esgoto sanitário é captado por fossas sépticas, sumidouros e de fossas negras. A rede de energia elétrica e a iluminação pública é toda feita pela Empresa Energética de Mato Grosso do Sul (ENERSUL), porém em parte é deficiente, não tendo previsão para instalação de uma subestação para suprir a região.

Este é um dos bairros mais pobres e violentos da cidade, nele tudo é precário. Sua proximidade com o Presídio de Segurança Máxima, torna-o ainda mais propenso à marginalização e à segregação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo dos dados coletados permitiu que se entendesse melhor a forma como se deu a invasão dos terrenos abandonados na periferia do bairro Jardim Noroeste. Nessa localidade, a ocupação dos lotes não ocorreu como normalmente acontece nas invasões em que os grupos organizados invadem de uma só vez as terras e nelas se instalam.

Os invasores do Jardim Noroeste foram chegando com suas famílias e se alojando em pequenas áreas, onde foram erguendo os barracos de lona, restos de madeira, placas de madeira compensado, sem nenhuma preocupação com a conservação do ambiente.

As primeiras famílias instalaram-se em 2001, mas nem todas permanecem nessa comunidade, visto que, para algumas, o fluxo migratório continua dentro da própria cidade. Assim como umas deixam o assentamento, outras nele se estabelecem, procurando melhorar as condições de moradia.

Estas constatações foram feitas durante as visitas ao local, quando se realizaram reuniões com os assentados, com a participação do representante da FUNAI e das lideranças dos Terena do bairro, conforme Figuras 3 e 4.

A Figura 3 mostra a primeira reunião geral junto à comunidade, em que foi realizado o cadastramento dos 44 representantes das famílias, pertencentes à Organização Indígena *Tumune Xé é xaxapa Terenoé*, (Geração Futura Terena) para posterior aplicação do Inventário de Qualidade de Vida.

Nessa ocasião foi firmado junto à comunidade e seus líderes o compromisso de estar orientando a população indígena do assentamento quanto a educação e qualidade de vida, com palestras e entrega de material informativo, abrangendo temáticas comuns, como conservação do meio ambiente, nas quais estão inseridos, saneamento básico, coleta de lixo seletivo, higiene pessoal e local.



Figura 3 . Primeira reunião geral no assentamento do bairro Jardim Noroeste, out. 2004. (Por Danielli Fernandes Afonso).

Vários outros encontros com a liderança e pessoas da comunidade, aconteceram.

Na segunda reunião geral, registrada na Figura 4, foram cadastrados 43 representantes de famílias Terena pertencentes à mesma Organização Indígena, anteriormente mencionada . Posteriormente foi aplicado o Inventário de Qualidade de Vida e novamente a comunidade foi orientada sobre a importância de estarem cuidando do ambiente em que vivem.

Nessa ocasião, por solicitação da liderança e reivindicação das pessoas locais, realizou-se uma palestra informativa quanto aos cuidados com o meio em que se encontram. Foram entregues folhetos informativos a cada pessoa presente a reunião sobre cuidados básicos com a saúde e conservação do meio ambiente.

A população indígena Terena, que deixa suas aldeias para residir na cidade, aglomera-se em comunidades que se estruturam em associação de moradores do local, a fim de reivindicarem seus direitos e discutirem os assuntos concernentes às necessidades elementares de sobrevivência.



Figura 4 . Segunda reunião geral no assentamento do bairro Jardim Noroeste, abr. 2005. (Por Aline Legizamón)

Jordão (2001) já se referia a essas organizações “emergentes”, ao destacar o loteamento Marçal de Souza, que surgiu pela migração de índios de várias aldeias do Estado na busca de uma “melhoria na qualidade de vida”, mas não atingiram esses objetivos, dado que enfrentam as mesmas dificuldades das demais famílias menos favorecidas que habitam as periferias de Campo Grande-MS. Dentro desses moldes há muitas outras aldeias urbanas e assentamentos indígenas, como pode ser visto no Anexo 2, que documenta as aldeias indígenas urbanas existentes na capital sul-mato-grossense.

A realidade observada na aldeia Marçal de Souza, em 1995, no bairro Tiradentes, logo após a invasão do terreno da FUNAI, não difere da vivida pelos índios, também da etnia Terena, assentados no bairro Jardim Noroeste, na periferia da cidade, desde 2001.

O loteamento do bairro Jardim Noroeste, feito pela Prefeitura Municipal, em 1963, com o objetivo de promover o desenvolvimento da capital sul-mato-grossense, não foi bem sucedido, já que muitos proprietários não regularizaram a situação junto

à arrecadação de impostos e abandonaram os lotes, que ficaram à mercê dos invasores (PLANURB, 2004).

As entrevistas, tanto para fins deste trabalho quanto as feitas por outros interessados no assunto demonstraram que entre os assentados encontram-se não só os Terena recém-migrados da zona rural, mas também aqueles que, não possuindo casa própria, de repente, viram-se sem condições de pagar aluguel, encontrando como saída para o impasse, a mudança para os assentamentos, na esperança de conseguirem refazer a vida. É o que afirma uma moradora do assentamento, situado na periferia do bairro Jardim Noroeste, em depoimento dado à revista *Metrópole*, em 2003 afirmou que:

_Alguns índios urbanizados não conseguem lugar para morar, invadem áreas desabitadas, mesmo que ilegalmente...

_ Meu esposo não estava dando conta de pagar o aluguel, água e luz. Então resolvemos vir para o acampamento, queremos ter nossa própria casa.

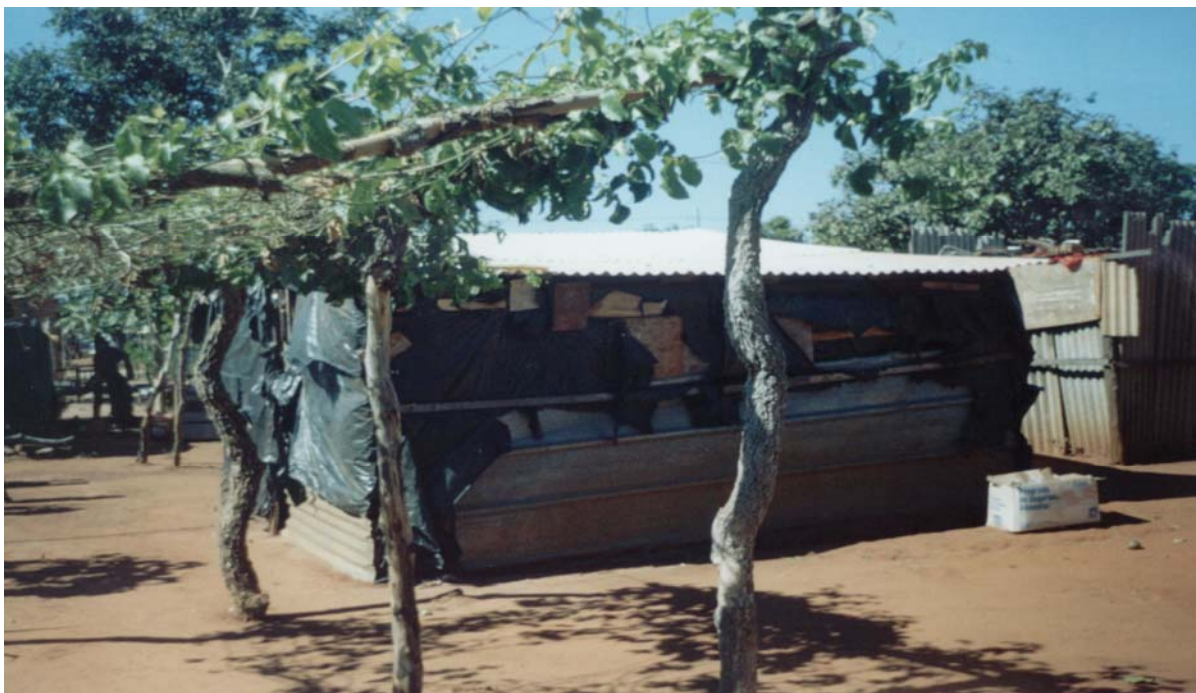


Figura 5 . Casebre erguido a base de pedaços de madeira e plásticos.

_Eu morava no fundo de uma casa, pagava aluguel, água , luz e ainda a prestação da casa para a proprietária (Entrevista. nº 34, 2004.)

Nessas habitações precárias, o conforto é inexistente. A maioria das residências no assentamento são erguidas à base do mesmo material do casebre mostrado na Figura 5. Em algumas casas como a que foi mostrada na Figura 1, a construção é feita com placas de madeiras do cerrado, geralmente conseguidas com o desmatamento ao redor da região onde vivem, já que estão assentados em meio a um resquício de cerrado bastante degradado.

As casas, geralmente de um único cômodo, posteriormente são divididas, separando-se o local de dormir do que serve de sala. A cozinha geralmente fica fora de casa e cozinha-se em fogão de barro, movido a lenha. Poucos são os moradores que possuem fogão a gás e outros eletrodomésticos como televisão e geladeira.

Referente a energia elétrica e água, estas são conseguidas com ligações clandestinas da rede de abastecimento. A precariedade dos arruamentos e rede de esgoto contribui para agravar as condições de vida desses moradores, como pode ser visto na Figura 6 e 7.



Figura 6 . Energia no bairro cedida pela ENERSUL e as gambiarras feitas pelos moradores.

Referindo-se à luz elétrica, uma moradora índia afirma em entrevista à revista *Metrópole*, em 2003.

—Além de ser fraca, a energia vive caindo, porque todo mundo “puxou” a ligação do mesmo lugar



Figura 7 . Obras do arruamento do bairro Jardim Noroeste.

Segundo informações dadas pelo líder da comunidade, em entrevista realizada por esta pesquisadora, os terrenos foram invadidos há quatro anos. Muitas famílias, em busca de moradia e de um pedaço de terra para construir suas casas, uniram-se e tomaram posse de alguns lotes, como pode ser visto na Figura 8.

O mesmo entrevistado informou que o trabalho em conjunto é realizado com o incentivo e participação da família. Entretanto, nem todos demonstram o mesmo interesse na conservação dos terrenos.

É o que revela o entrevistado abaixo.

_Tem família que não zela e não tem higiene com seus terrenos (Entrevista. nº 25, 2004).

Segundo o líder da Organização *Tumune Xé é xaxapa Terenoé*, o esforço reivindicatório dos moradores já rendeu alguns benefícios para a população que ali reside, como coleta de lixo, doação de cestas básicas pelo Governo do Estado, curso de artesanato, oferecido pela Pastoral Indígena, Sopão doado uma vez ao mês por voluntários. O curso de alfabetização oferecido pela Secretaria de Educação Indígena, por meio da Organização *Tumune Xé é xaxapa Terenoé* atende

a crianças e adultos do assentamento, onde recebem uma educação bilíngüe, em que a ênfase maior recai sobre a Língua Portuguesa.



Figura 8 .Moradora do assentamento em seu casebre, cozinhando no fogão à lenha (Fonte Metrópole, 2003).

O líder da comunidade relatou em uma das visitas que: “Alguns pais levam seus filhos para o MOVA, durante o curso de alfabetização, já outros preferem matricular seus filhos na escola do bairro”.

O fato de as crianças freqüentarem o MOVA junto com seus pais, facilita o aprendizado do idioma português, favorecendo a perda da língua materna, já que, no curso de alfabetização enfatiza-se a aprendizagem da língua Portuguesa. Quanto à freqüência das crianças indígenas na escola pública do bairro, certamente influencia a integração sua mais rapidamente à cultura vivenciada pelas crianças não-índias.

Grande parte dos benefícios alcançados resultaram da atuação das associações criadas, tanto pelos índios citadinos que seguem o modelo da sociedade urbana, com uma hierarquização de cargos. Hoje existem inúmeras associações e organizações num mesmo espaço geográfico, o que chega a dividir ainda mais os grupos. Todos buscam soluções imediatas para os problemas. Ao

conseguirem alguma solução, iniciam as disputas internas, principalmente pelo gerenciamento e distribuição dos recursos conseguidos.

Na comunidade em estudo, inicialmente pôde-se detectar duas facções disputando a liderança dos dois grupos Terena, que têm suas moradias no bairro. Atualmente, a população Terena possui duas lideranças, respectivamente, a da Organização Indígena *Tumune Xé é xaxapa Terenoé* e a da Associação Indígena Jardim Noroeste.

Durante as visitas ao local e as reuniões com o líder da Organização Indígena *Tumune Xé é xaxapa Terenoé*, com as 50 famílias que fazem parte dessa organização foram ouvidos rumores de que haveria certa rivalidade entre os líderes. Esse fato, embora não comprovado, apresentou indícios de verdade, ao se saber que o líder da Associação Indígena Noroeste, que também reside no bairro, porém fora do assentamento, formou e estava regulamentando outra entidade denominada de Associação Indígena Jardim Noroeste.

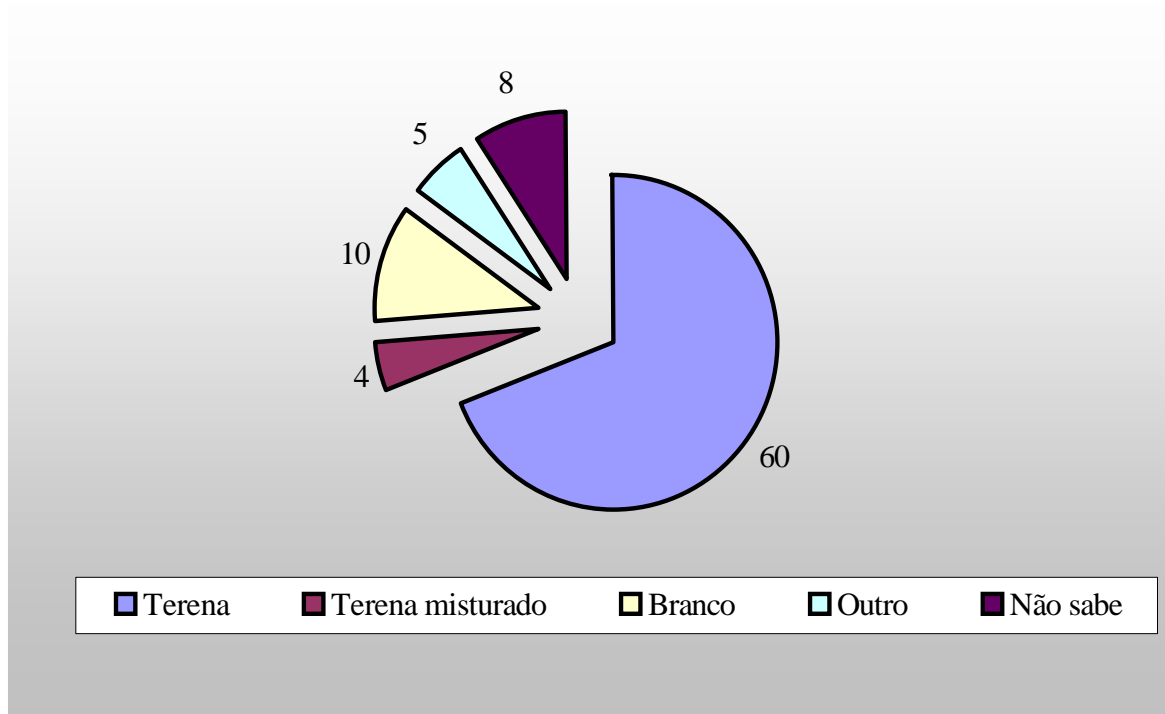


Figura 9. Total de assentados e diferentes etnias encontrados no bairro Jardim Noroeste em Campo Grande, MS.

Na Figura 9, pode-se detectar que 60 (69%) dos entrevistados são da etnia Terena; 10 (11%) branco que convive maritalmente com um indígena Terena; 8 (9%) não sabem a descendência indígena; 5 (6%) relatam ser de outra etnia. Foram encontrados dois casos de estrangeiros, sendo um paraguaio e outro boliviano, que vivem com um Terena e 4 (5%) se consideram Terena misturados.

Serão apresentados, a seguir, resultados quantificados, relacionados às variáveis que definem os principais critérios adotados para a escolha dos entrevistados.

No que se refere à relação entre profissão e sexo, foram obtidos os resultados apresentados na quadro, que se segue.

Quadro 1. Frequência de profissão atual por sexo de indígenas do Jardim Noroeste, Campo Grande-2005

	Entrevista		Total Geral
	Masculino	Feminino	
Atividade do lar	-	38	38
Desempregado	2	13	15
Estudante	2	2	4
Aposentado	2	1	3
Funcionário Público	1	-	1
Motorista	2	1	3
Doméstica	-	7	7
Serviços Gerais	3	2	5
Guarda Noturno	1	-	1
Lida em Fazenda	2	-	2
Vendedor	-	1	1
Marceneiro	1	-	1
Construção Civil	5	-	5
Pastor	1	-	1
Total	22	65	87

O Quadro 1 mostra que as atividades profissionais informais, com baixos salários, são exercidas por ambos os sexos. Num total de 65 mulheres, destas, 38 dedicam-se aos afazeres domésticos em suas próprias casas. Também o número de desempregadas é representativo, sendo que grande parte delas faz parte do grupo mais jovem, que tem pretensões de ingressar no mercado de trabalho, porém se consideram despreparadas para o tipo de empregos a que geralmente aspiram além de desconhecerem os direitos trabalhistas.

As mesmas, ainda, procuram justificar o êxodo para a região urbana, dizendo que vêm em busca de emprego e educação para os filhos, o que não condiz com a situação encontrada, visto que continuam a exercer apenas os trabalhos domésticas e a cuidar de sua prole, constituída, quase sempre, por uma média de cinco filhos, a maioria ainda criança.

Com relação ao sexo masculino, a taxa de desemprego é menor, até por que, na época das entrevistas, foram encontrados poucos homens no assentamento. A justificativa dada para essa ausência foi de que estavam na aldeia na zona rural, ou se encontravam trabalhando, na cidade.

Conforme a Figura 10, que trata da relação entre grau de escolaridade e sexo detectou-se baixo nível de escolarização, principalmente entre as mulheres, mesmo que tenha sido relatado pelo líder no assentamento a presença do MOVA, mantido pela Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul.

Os dados apresentados no Quadro 1 e Figura 10, ratificam os dados encontrados nas pesquisas sobre índios citadinos de Campo Grande, de acordo com Jordão, (2001) e, mesmo que o índio insista no discurso de que vem para a cidade em busca de melhores condições de trabalho e de educação, alegando que as aldeias não suprem as necessidades exigidas pela sociedade, os dados coletados não confirmam o interesse na busca de aprimoramento profissional e formação educacional, mesmo que profissionalizante.

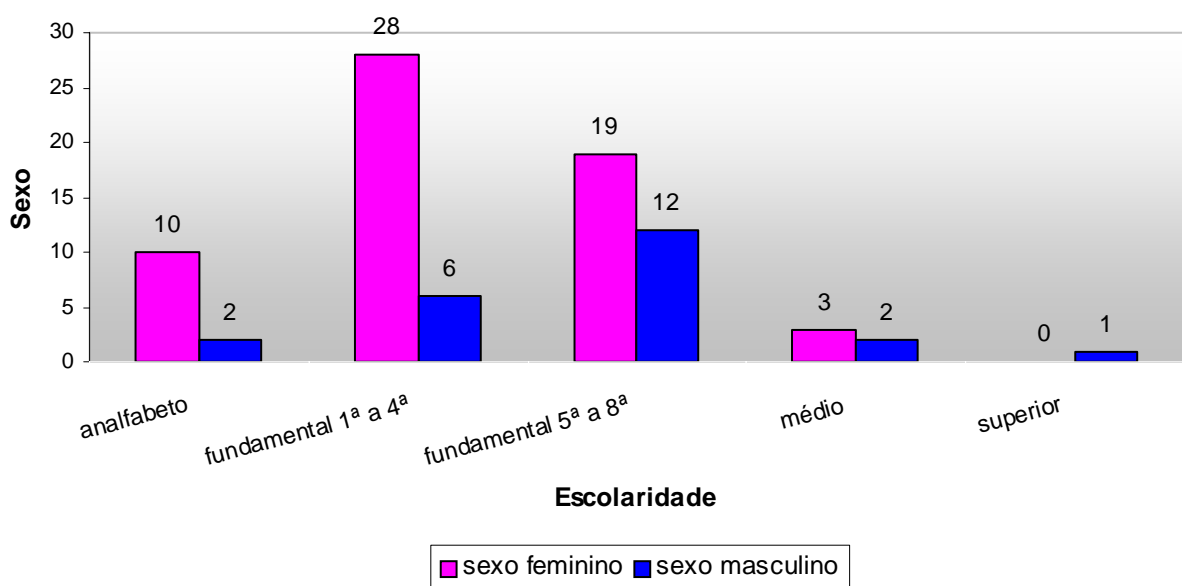


Figura 10 . Nível de escolaridade e sexo no assentamento do Jardim Noroeste, em Campo Grande-MS.

Analisando-se a Figura 11, que trata da relação entre o nível de escolaridade e a idade dos moradores do assentamento, observa-se um número expressivo de pessoas jovens com idade entre 15 a 25 anos, com ensino fundamental de 5ª a 8ª séries.

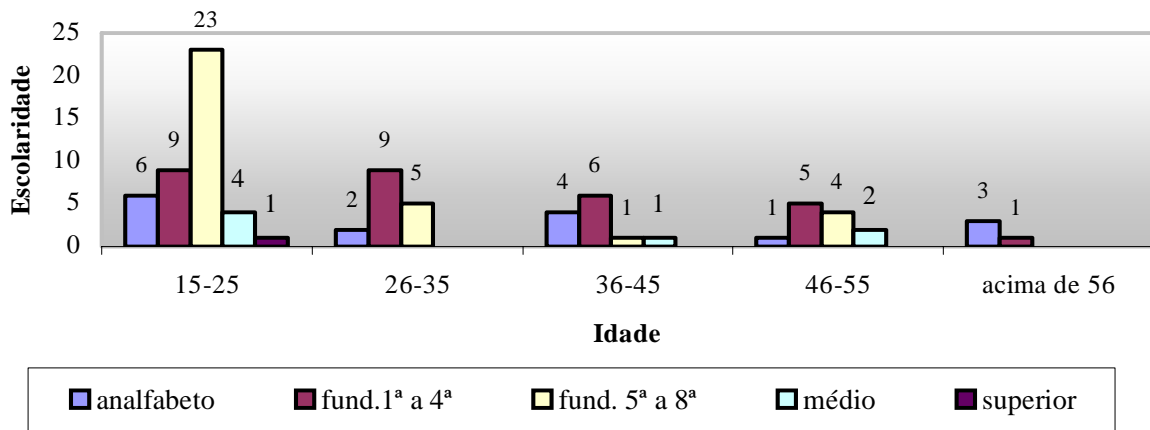


Figura 11 . Nível de escolaridade e idade no assentamento do Jardim Noroeste, em Campo Grande,MS.

Pode-se ainda verificar na mesma figura, que a maioria dos assentados está cursando ou parou numa das séries do ensino fundamental de 1ª a 4ª séries, com exceção dos que se encontram com idade acima de 56 anos. O analfabetismo aparece em todas as faixas etárias. Esse fato detectado na pesquisa está relacionado com a migração de índios de suas aldeias na busca de estudo em escolas que ofereçam ensino médio, já que, nas aldeias de origem, esse nível de escolaridade não é oferecido pelos órgãos públicos.

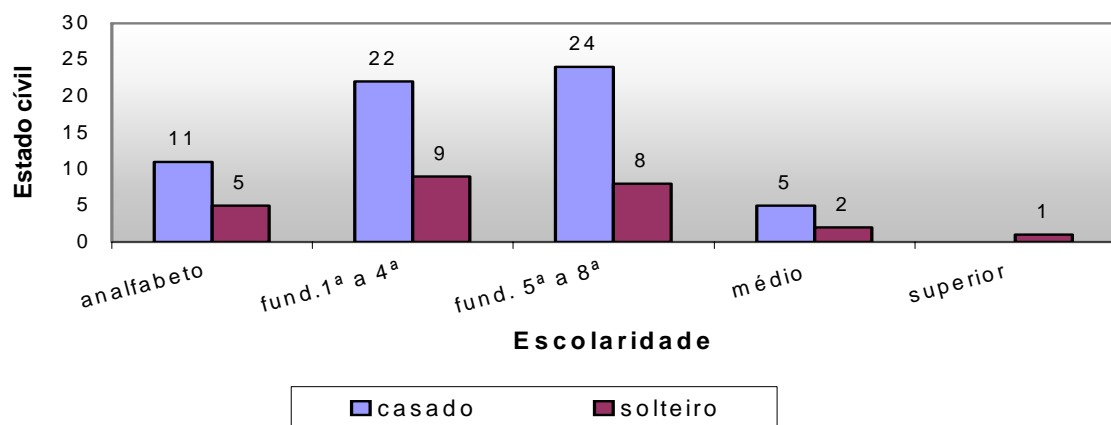


Figura 12. Estado civil e escolaridade no assentamento do Jardim Noroeste, em Campo Grande-MS.

Na Figura 12, que se refere ao estado civil e escolaridade, percebe-se que a maioria das pessoas casada possui o ensino fundamental completo ou está cursando.

Sugere-se a continuidade deste tipo de investigação e discussão a respeito das condições em que se encontram os Terena que migram para a cidade, geralmente por sua própria conta e risco, sem avaliarem as conseqüências dessa atitude e, supondo, muitas vezes, que, ao chegarem à cidade irão resolver facilmente seus problemas.

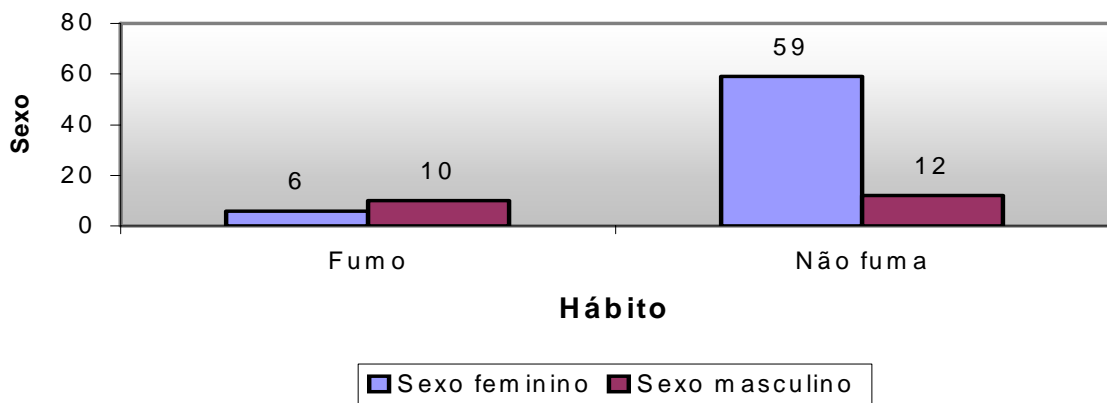


Figura 13. Hábito de fumar e sexo dos assentados no bairro Jardim Noroeste, em Campo Grande,MS.

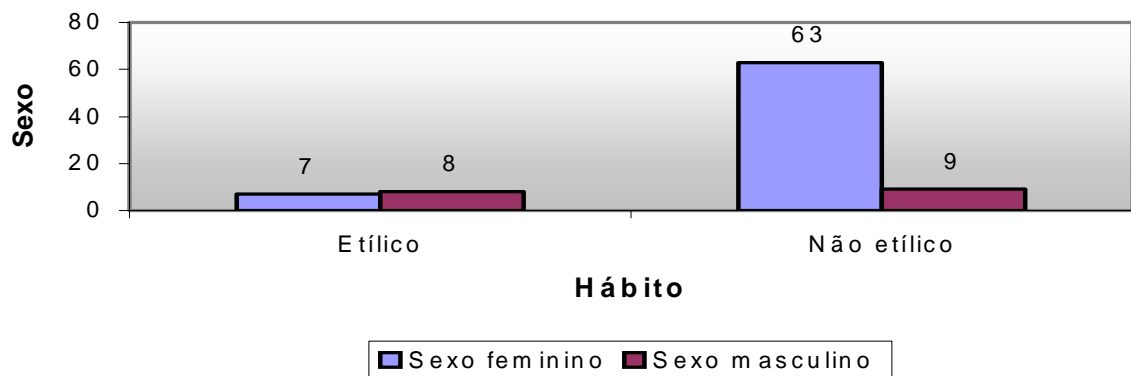


Figura 14. Ingestão de bebida alcoólica e sexo dos assentados no bairro Jardim Noroeste, em Campo Grande,MS.

Referente a hábitos de vida, como fumo e consumo de bebidas alcoólicas , como mostram as Figuras 13 e 14, os resultados revelam que a maioria dos indígenas não possui tais hábitos. Esse dado é importante já que a bebida está sempre associada ao meio indígena, principalmente nas comunidades em que os conflitos sociais e ambientais contribuem para a segregação desse povo e, com isso, o aumento da violência intrafamiliar, como relatam Resende e Abdo (2004).

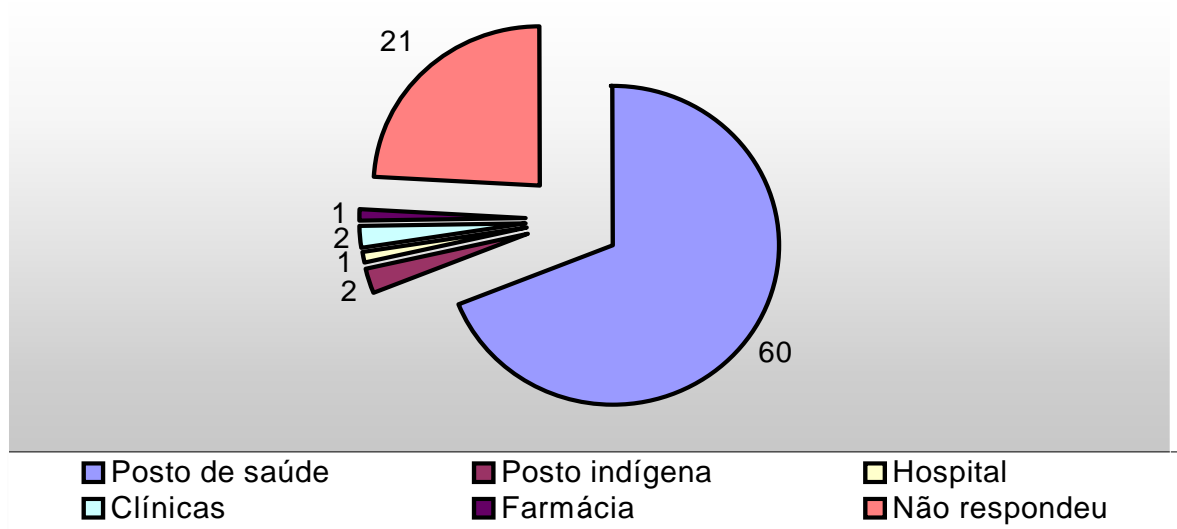


Figura 15. Procura de atendimento à saúde.

A Figura 15, mostra que o índio, quando se desloca da aldeia para a cidade perde a tutela da FUNAI e o atendimento a sua saúde é realizado em postos de saúde do município, acessíveis para 60 (70%) dos entrevistados, mas uma parcela estimada de 21 (24%) não respondeu, provavelmente por não saber desse direito que lhe assiste como pessoa ou por não portar os documentos cíveis (Registro de Nascimento, Registro de Identidade (RG), Título de Eleitor, Cartão do Contribuinte Físico (CPF), Carteira de Trabalho) e ou a Carteira de Identificação da FUNAI. Dois casos , (2%) relataram que procuram atendimento em clínicas particulares, outros dois casos (2%) detectados, buscam o Posto indígena na aldeia. Um caso (1%) busca atendimento em farmácia, outro entrevistado (1%) procura os hospitais públicos.

Com relação às atividades de lazer, detectou-se que o número de mulheres que afirmam que assistem aos programas de televisão é bem maior que o dos homens, o que se pode justificar até pelo fato de que ficam em casa a maior parte do tempo. Assim mesmo, a audiência restringe-se às novelas. Também com relação aos programas de rádio as mulheres representam maioria. Outro momento de lazer é a roda de tereré, onde as mulheres se sobressaem, por terem mais tempo livre. Segundo Linhares, (2000), a televisão como um meio de comunicação globalizado, contribui para o despertar da consciência cidadã, por meio da programação exibida, que é tomada como modelo a ser seguido por toda população que tem acesso a esse veículo de informação globalizado.

Os resultados obtidos mostraram que a caminhada histórica dos Terena foi traçada por vários processos conflituosos, em que conheceram a escravidão, o protecionismo e atingiram a condição de cidadãos, excluídos de muitos direitos, assegurados por lei a todo cidadão. Chegaram, portanto, ao processo de urbanização, que, historicamente, iniciou-se com a integração dessa etnia dentro de um universo que favoreceu a miscigenação cultural, que inclui hábitos lingüísticos e sociais provenientes do universo cultural urbano.

A hibridação ou hibridismo cultural é uma das características mais marcantes da globalização e da pós-modernidade, em que as fronteiras étnico-culturais tornam-se cada vez mais invisíveis e as cidades vão adquirindo nuanças diversas, de conformidade com as influências interétnicas que vão recebendo

Mesmo que essas influências desnudem aspectos negativos, como a pobreza e a desagregação social dos indígenas marginalizados, são representativas, enquanto mostram a transformação do ambiente em que vivem pela atuação desorganizada dos grupos que invadem a região do bairro Jardim Noroeste.

Os dados levantados na comunidade assentada no bairro Jardim Noroeste mostram que o Terena urbanizado passa a não dar muita importância aos rituais que faziam parte do convívio com os seus e a preservação de hábitos culturais peculiares a seu povo. Cardoso de Oliveira (1976), relata que, no convívio rural, em dias festivos, como o Dia do Índio, ocorrem rituais como a dança do Bate-Pau, também conhecida como a Dança da Ema e a Corrida do Cavalinho, que caracterizam uma tentativa de preservação de uma identidade cultural, que vai gradativamente se perdendo entre o asfalto e os edifícios da *urbis*.

Familiarizar o índio à urbanização depende de uma mudança nas condições sociais e econômicas, respeitando-se as convicções étnicas, culturais e a adversidade ambiental. Embora as necessidades básicas humanas sejam trabalho, alimentação, habitação, saúde e educação, para o índio as questões como trabalho e habitação não são geralmente pautas nas discussões e reivindicações, haja vista que culturalmente as questões ligadas à terra e o seu uso, são prioritárias em discussões pautadas na sustentabilidade de comunidades indígenas e para a manutenção de sua própria organização social (NASCIMENTO CASARO, 2001; LAURIOLA, 2003).

5 CONCLUSÃO

A identidade indígena nos centros urbanos configura-se nitidamente como uma identidade social, a mesma pessoa pode considerar-se indígena em alguns aspectos, e não em outros, ou apelar a outras identidades genéricas, geradas historicamente em situações de contato interétnico. Esse contato, gerado por meio da integração forçada das comunidades indígenas à civilização, leva “descentralização” indígena, acelerando um processo aculturativo, transformando esse povo em um segmento subalterno da sociedade nacional.

A migração do índio para o meio urbano e a instalação de comunidades indígenas em bairros periféricos esta associada à herança da condição de inferioridade ao longo de uma história de submissão.

Dentre os indígenas, a fração Terena é percebida como a etnia que mais facilmente assimilou hábitos da civilização urbanizada, por ser a que melhor se adaptou ao meio urbanizado, porém ainda luta para ter preservados seus hábitos culturais.

Os índios do bairro Jardim Noroeste, embora não se tenha conhecimento de quem os colocou ali, buscam o cadastramento dos lotes junto a Prefeitura Municipal de Campo Grande, MS. Acreditam que se estiverem organizados, fortalecidos poderão reivindicar melhorias na qualidade de vida e terão vantagens e benefícios junto aos poderes políticos.

Em geral as políticas públicas que promovem o desenvolvimento dos municípios, não estão acessíveis às comunidades indígenas, principalmente para o índio no convívio urbano, já que ele se desloca da aldeia para a cidade perdendo a tutela da FUNAI, chegando a cidade, sem documentos comprobatórios de cidadão, imaginando estar á margem desse direito, principalmente por não existir em orientadores, interlocutores que promovam a acessibilidade a essas informações.

Apesar de vários estudos sobre os índios, existe pouca informação sobre as comunidades assentadas no perímetro urbano de algumas cidades, no Estado do

Mato Grosso do Sul, em especial, a dos Terena que migram para as cidades próximas às suas aldeias.

Faz-se necessária à orientação e promoção à acessibilidade de informações em especial ao direito à cidadania, que aproximará o conhecimento de um cidadão conhecedor de seus direitos e deveres estimulando-o preservação da identidade cultural, através da conservação dos traços da língua materna, suas danças e tradições, assegurando ao índio o direito de reconstruir mesmo longe de sua terra de origem, um modelo próprio de vida.

O presente estudo mostra que o índio que veio para a cidade se adaptou ao meio urbano, evidenciando a necessidade de se criarem soluções para os problemas enfrentados no dia-a-dia, como qualquer outro cidadão urbano. Atividades que possam capacitar e preparar o cidadão a enfrentar a concorrência profissional podem e devem ser oferecidas, com o objetivo preparar o índio a concorrência profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENFELDER, F. S. Mudança cultural dos terena. **Revista do Museu Paulista**, N.S., V.III, São Paulo, 1949. 279 p.

ALVAREZ, G. C. Populações indígenas. In: SABOIA, G.V; GUIMARÃES, S. P. **Anais – Seminários Regionais Preparatórios para Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**. Brasília, Ministério da Justiça, 2001. p. 2007-220.

AZANHA, G; LADEIRA, M.E. **Povos indígenas no Brasil: Terena**. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/terena/print.htm>>. Acessado em 26 ago. 2005.

BASTIDE, R. Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1983. 384 p.

BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 395 p.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia – construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, S/d.

CABRAL, P. E. **Educação escolar indígena em Mato Grosso do Sul: algumas reflexões**. Campo Grande: 2002. 110 p.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2000. 385 p.

CARDOSO de OLIVEIRA, R. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. Rio de Janeiro: Francisco Alves ed. , 1976.

_____. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Pioneira. 1976.

_____. **Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terêna numa sociedade de classes.** Brasília: Zahar Editores. 1968.

_____. **Os diários e suas margens: viagem aos territórios Terêna e Tukúna.** Brasília: Universidade de Brasília, 2002. 245 p.

CERQUEIRA, Roberto Carlos. **Nações indígenas do Mato Grosso do Sul.** Disponível em: http://www.ccerqueira.hpg.ig.com.br/Nacoes_Indigenas.htm. Acesso em: 13 de maio de 2005.

CONHECER BRASIL. **Índios**, v.1, São Paulo: Abril Cultural, 1982.

CORRÊA,V.B. **Fronteira oeste.** Campo Grande: UFMS. 1999. 215 p.

FARIA, G. **A verdade sobre o índio brasileiro.** Rio de Janeiro: Guavira editores, 1981. 64 p.

FERNANDES JÚNIOR, José Resina. **Da aldeia do campo para a aldeia da cidade: implicações socioeconômicas e educacionais no êxodo dos índios Terena para o perímetro urbano de Campo Grande, MS.** Campo Grande: UCDB, 1997. (Dissertação de Mestrado).

FUNAI. (Fundação Nacional do Índio). **Situação fundiária indígena no Brasil.** Dezembro, 2002.

FUNAI. (Fundação Nacional do índio), 2003. **Identidade e diversidade.** Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>>. Acessado em 10 ago. 2003.

GONÇALVES L. A .O ; SILVA. P.B.G. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HOUAIS, Antonio. **Dicionário Hovais da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

JORDÃO, Miguel. **Associação dos moradores indígenas da aldeia urbana Marçal de Souza em Campo Grande, MS: alternativas para melhoria na qualidade de vida dos moradores ali residentes**. UCDB-Centro de Ciências Sociais aplicadas – CCSA Curso de Administração de Cooperativas e de empresas rurais – CG/MS – 2001. (Monografia).

LABRADOR, S, J. **El paraguay catolico**. In: ALTENFELDER, F,S. Mudança cultural dos terena. **Revista do Museu Paulista**, N.S., V.III, São Paulo, 1949. 279 p.

LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. 17^o ed.Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LÉVIS-STRAUSS,C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1966. 400 p.

LINHARES, G. **A televisão no imaginário dos Terena**. Campo Grande – MS: Ed. UNIDERP, 2000. 174 p.

MAISONNAVE, F. **Censo indígena em Mato Grosso do Sul mostra baixa renda**. Folhaonline, 14 de Fevereiro de 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u29185.shl>. Acesso em: 27 jan. 2004.

MAHER, T.M. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. **Língua (gem) e identidade** São Paulo: FAPESP. 2002. 384 p.

MARTINS, G.R. **Breve Painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul**. 2 ed. Campo Grande: 2^a ed. ampl. e rev. Campo Grande: UFMS/FNDE, 2002. 98 p.

MARTINS, P. C. R. **Tabulações especiais – PLANURB, dados demográficos – censo 2000, resultados do universo**. Campo Grade: PLANURB, julho de 2002.

METRÓPOLE. Pouca terra para muito índio. **Revista MetrÓpole**, ano IV, nº 52, Campo Grande, Agosto de 2003.

MOURA, Marlene. C. O . Discriminação Estrutural, Institucional e sistêmica – Povos Indígenas. In: SABOIA, G.V; GUIMARÃES, S. P. **Anais – Seminários Regionais Preparatórios para Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**. Brasília, Ministério da Justiça, 2001. P. 221-252.

NASCIMENTO, A.C. Os caminhos da escola indígena. **Fronteiras: revista de história**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 4/5(7/9), 2001. p. 23-54.

OLIVEIRA, A. P; BANDEIRA, L.T.C; SOUSA, M. C. J .M. D. **Conhecendo o índio**. Goiânia: UCG, 1987.110 p.

PAULA, J. M, **Terras dos índios**, Bol. Nº 1 serviço de Proteção aos índios, Ministério da agricultura do Brasil, Rio de janeiro: Imprensa nacional, 1945.

PLANURB – (Instituto Municipal de planejamento urbano e de meio ambiente. **Perfil socioeconômico de Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. 11º. Ed. Revista. Campo Grande, abril de 2004.

PMCG/PLANURB. **Região urbana do prosa, características do espaço regional e potencialidades de desenvolvimento**. Campo Grande: PLANURB. Novembro de 1998.

TAUNAY, V. **Campanha de Matto Grosso**, São Paulo: Globo, 1923.247 p.

THOMAZ, O . R. A antropologia e o mundo contempórâneo: cultura e diversidade. In: SILVA, a . L. de; GRUPIONI. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. L..D.B. (Orgs). MEC/MARI/UNESCO, Brasília, 1995.

UCDB, Universidade Católica Dom Bosco, **CEPACE. Censo populacional de índios desaldeados da cidade de Campo Grande-MS** (1999). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 1999.

VASCONCELOS, C. A . **A Questão indígena na província de Mato Grosso: conflito, trama e continuidade.** Campo Grande: UFMS, 1999. 160 p.

VIVEIROS, E. **Rondon conta sua vida.** Rio de Janeiro: Liv. São José, 1958.230 p.

APÊNDICE

INVENTÁRIO DE QUALIDADE DE VIDA

FICHA DE INFORMAÇÃO SOBRE O RESPONDENTE

Identificação:-----Etnia:-----

**Sexo: Masculino () Feminino () Idade: -----Data de Nascimento: -----/-----
/-----**

Estado civil:----- Posição na família:-----

Fala a língua materna: () sim () não

Nível Educacional: Analfabeto ()

I Grau completo () I Grau incompleto () Especifique: -----

II Grau completo () II Grau incompleto () Especifique: -----

III Grau completo () III Grau incompleto () Especifique: -----

Pós graduação completo () Pós graduação incompleto () Especifique: -----

Profissão: -----

Benefício: () sim () não Tipo: -----Cedido por:-----

Problema de saúde atual/ condição presente

	Nenhum problema	Catarata	
	Problema de coração	Derrame	
	Pressão alta	Traumatismo craniano	
	Artrite ou reumatismo	Fratura ou quebra-dura	
	Câncer	Depressão	
	Enfisema ou bronquite	Doença de pele	
	Diabetes	Queimadura	
	Problema nervoso crônico	Problema crônico nos pés (joanete, lesões, unha)	
	Problema emocional	Hemorroidas ou sangramento no ânus	
	Doença de Parkinson	Problema com álcool ou drogas	
	Lesão medular	Gravidez	
	Verminoses	Não sabe	

As crianças tem carteira de vacinação () sim () não Quem:-----

Quais as vacinas que as crianças receberam

<input type="checkbox"/>	Sarampo
<input type="checkbox"/>	Antipólio (Sabin)
<input type="checkbox"/>	BCG
<input type="checkbox"/>	Difteria (Tétano)
<input type="checkbox"/>	Febre amarela
<input type="checkbox"/>	Hepatite A
<input type="checkbox"/>	Tríplice
<input type="checkbox"/>	Nenhuma
<input type="checkbox"/>	Não sabe

Já fez reforço: () sim () não Quais: -----

Quais as vacinas que os adultos receberam

<input type="checkbox"/>	Antidifteria (Tétano)
<input type="checkbox"/>	Influenza (gripe)
<input type="checkbox"/>	Hepatite B
<input type="checkbox"/>	Sarampo (Rubéola)
<input type="checkbox"/>	Nenhuma
<input type="checkbox"/>	Não sabe

Os adultos tem carteira de vacinação () sim () não Quem: -----

Outras : -----

Há gestantes na casa? () sim () não Fazem pré natal ? () sim () não

Quantas gestações:-----Quantos filhos:-----A mãe pode ter mais
filhos ? () sim () não

Onde procuram tratamento de saúde

() posto de saúde . Qual? -----

() hospital Qual ? -----

() usam remédios caseiros? () sim () não Especifique: -----

() usam remédios de farmácia ? () Especifique:-----

Houve óbito neste último ano? () sim () não Quantos? -----

Causa ----- Idade-----

Está satisfeito com sua saúde? () sim () não

Considera saudável o seu ambiente físico? (clima, barulho, poluição, lazer) () sim
() não

Está satisfeito e aceita sua aparência física () sim () não

Está satisfeito com seu sono () sim () não

Está satisfeito com as condições do local onde mora () sim () não

Está satisfeito com o acesso aos serviços de saúde () sim () não

Está satisfeito com o seu meio de transporte () sim () não

Tem sentimentos negativos como mau humor , desespero, ansiedade, depressão
() sim () não

Qual a frequência: () nunca () algumas vezes () freqüentemente () muito
freqüentemente () sempre

Tem algum benefício: () sim () não Qual: -----

Recebe cesta básica: () sim () não

Tem plano de saúde: () sim () não Qual :-----

A situação do local de moradia:

() própria

() cedido pela FUNAI

() cedido por outros. Quem-----

() alugado Valor mensal -----

Já teve casa própria? () sim () não Obs:-----

A moradia anterior era de material:

() tábuas () lona () tijolo com reboco () tijolo
sem reboco

() tijolo com reboco e pintura. () com piso () piso
de chão batido

Obs:-----

Sua moradia atual é de material:

() tábuas () lona () tijolo com reboco () tijolo
sem reboco

() tijolo com reboco e pintura. () com piso () piso
de chão batido

Obs:-----

Sua moradia tem quais peças:

() sala () cozinha () quartos ()
banheiro

Obs:-----

Luz elétrica: () sim () não () com padrão () clandestina (gambiarra)

Obs:-----

Água: () sim () não

() tratada () clandestina () poço () caminhão pipa () de rio ou de córrego.

Obs:-----

Sanitários: () sim () não

() dentro de casa () fora de casa () buraco () vaso sanitário comunitário () mata

Obs:-----

Banheiro: () sim () não

() dentro de casa () fora de casa () com chuveiro elétrico () balde () bacia

Obs:-----

Toma banho quantas vezes ao dia:

() nunca () 1 vez ao dia () 2 vezes ao dia () 3 vezes ao dia () outro

Obs:-----

Toma banho quantas vezes ao dia:

() nunca () 1 vez ao dia () 2 vezes ao dia () 3 vezes ao dia () outro

Obs:-----

Escova os dentes quantas vezes ao dia:

() nunca () 1 vez () 2 vezes () 3 vezes () á cada alimentação

Obs:-----

Lixo:

() coletado () queimado () jogado em terreno baldio () enterrado em vala comunitária () outro

Obs:-----

Você Fuma () sim () não. Quantos cigarros por dia:-----

Tipo de fumo (cachimbo, corda ou industrial):- -----

Obs:-----

Faz uso de Bebida () sim () não Quantas doses por dia: -----Tipo:---

Faz exercícios () sim () não . Quantas vezes : ----- Tipo:-----

Tem algum lazer? () sim () não Qual:-----

Alimentos:

O que você come todos os dias? -----

Prefere alimentos: () salgados () doces

Come temperos industrializados (Ketchup,maionese, mostarda) () sim () não

Come embutidos e defumados (salsicha, lingüiça, presunto, bacon () sim () não

Consome que tipo de gordura: () banha animal () óleo vegetal () azeite

Come frituras: () sim () não

Come carnes: () sim () não Quantas vezes na semana: -----

() porco

() boi

() frango

() peixe

Obs:-----

Come verduras () sim () não Quantas vezes na semana: -----Quais:-----

Prefere os alimentos cozidos ou crus: -----

Come frutas: () sim () não Quantas vezes na semana: -----Quais:-----

Planta verduras em seu quintal: () sim () não Quais:-----

Cultiva seu quintal: () sim () não Quais:-----

Tem plantas frutíferas no seu quintal: () sim () não Quais:-----

Conservou árvores nativas no seu quintal: ()sim ()não Quais:-----

Consome frutos do cerrado: () sim () não Quais:-----

Tem criação no seu quintal: () sim () não Quais:-----

Cria animal doméstico: () sim () não Quais:-----

O que você gosta de fazer nas horas de folga?

() Assiste televisão

() Ouve rádio

() Vai ao cinema

() Vai a festas

() Passeia com seus familiares

() Visita familiares e ou amigos

() Lê livros ou revistas

Como se informa sobre os acontecimentos da atualidade?

- () Jornal comprado
- () Jornal gratuito do ônibus coletivo
- () Televisão
- () Rádio
- () Internet

Dados Antropométricos:

Peso:-----Estatura:-----

Sinais Vitais:

Pressão Arterial no 1º minuto:-----mmHg

Pressão Arterial no 2º minuto:-----mmHg

Pulso Arterial:-----bpm

Avaliador:-----

Campo Grande, -----/-----/-----

ANEXO 1

ANEXO 2